

## Dia Nacional do Combatente







**6** Centenário da travessia Lisboa-Funchal



**12** O ataque a Angola 15 de Março de 1961



**15** A última patrulha do BC3-Carmona



**22** Dia Nacional do Combatente



**34** Dia Internacional das Operações de Paz e Humanitárias



**38** O afundamento do caça-minas Roberto Ivens

## Liga Solidária - Um Euro, Um Lar - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	92.854,17€
Abílio Pereira.....	30,00€
Anónimo.....	10,00€
António Esteves Pires.....	25,00€
António Felício M.....	20,00€
António Maria Pires.....	20,00€
Arnaldo Martins.....	20,00€
Carlos João Costa.....	35,00€
Cor. Cardoso.....	8,00€
Donativos na Capela do FBS - 1º Trim. de 2021.....	76,79€
Herver Coelho Pedro Gonçalves.....	30,00€
Ivo Pereira Rodrigues.....	30,00€
Joaquim Rosa.....	20,00€
José Manuel Carneiro Rodrigues.....	20,00€
Manuel António Campos da Cunha.....	30,00€
Núcleo de Lagoa/Portimão.....	1.000,00€
Venancio Adolfo Canha.....	60,00€
<b>Saldo em 17-05-2021.....</b>	<b>94.193,96€</b>



### Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes  
Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa  
Tel.: 213 468 245 - geral@ligacombatentes.org  
NIPC/NIF 500816905

### Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa

### Diretor:

Joaquim Chito Rodrigues

### Consultor:

Hélder Freire

### Conselho Editorial:

Direção Central

### Diretor Executivo:

José Geraldo

### Editor (Redação):

Jorge Henrique Martins

### Copydesk:

António Porteira

### Fotografia:

Hugo Gonçalves

### Publicidade:

Elisabette Caboz  
Tel.: 965 599 991 / 968 452 700

### Secretariado:

Anabela Rodrigues  
anabelarodrigues@ligacombatentes.org

### Execução gráfica:

Departamento de Informática LC

### Impressão:

Lisgráfica, S.A.  
Rua Consiglieri Pedroso, 90 - Casal de Santa Leopoldina  
2730-053 Barcarena - Tel: 214 345 444

### Expedição:

Translista, Lda.  
Rua Miguel Bombarda, 9 - Queluz de Baixo  
2745-124 Barcarena - Tel: 214 266 886

### Tiragem:

46.000 exemplares

### Depósito Legal:

210799/04  
ISSN - 223 582  
N.º ERC - 101 525

### Estatuto Editorial:

www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos.

Capa: Dia do Combatente (Av. da Liberdade, Lisboa)  
Foto de Miguel Valle Figueiredo

## REGOZIJO e REVOLTA



Joaquim Chito Rodrigues  
Tenente-General  
Presidente da Direção Central

Como descrever sucessivos sentimentos e vivências de regozijo e de missão cumprida por parte de todos nós, que há anos desempenhamos funções voluntárias de direção, numa Instituição de características solidárias, humanitárias e culturais únicas, com um sentimento permanente de revolta? Porque havemos de ser sujeitos a este tratamento, que nos exige em permanência o recurso a tomadas de posição face a questões pelas quais lutaremos até que estejam solucionadas?

Só uma força alimentada pela razão nos permite continuar a lutar, para que se faça justiça e a tranquilidade nos permita saborear os verdadeiros êxitos conseguidos e publicamente, superiormente reconhecidos.

Sim, êxitos que nos regozijam, no ano em que iniciamos a evocação do nosso Centenário. Em que vemos o trabalho dos nossos dirigentes e funcionários, reconhecido superiormente e a Liga dos Combatentes, naturalmente pelos feitos praticados em 21 anos de conflito (1954 a 1975) pelos seus membros combatentes, agraciada com a Torre Espada Valor Lealdade e Mérito, depois de ter recebido a Ordem do Mérito, concedida pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e a Medalha de Serviços Distintos, grau Ouro, pelos Presidentes Jorge Sampaio e Cavaco Silva, ou a recente Resolução da Assembleia da República aprovando por unanimidade, um voto de louvor pelo mérito da sua ação centenária.

O que nos revolta então? Revolta-nos andarmos há seis anos a demonstrar a injustiça e ilegalidade de o Estado, através do Ministério das Finanças, nos aplicar o Princípio da Onerosidade, pedindo-nos cerca de 800 mil euros, por ano, pela renda de seis imóveis, cedidos há décadas por protocolo, pelo Exército e que são sede de Núcleos, de Museus e Núcleos Museológicos da Liga.

Temos mais 135 imóveis. Em todos se cumpre a missão de preservar a História, a cultura, o ensino e a saúde, condições que a lei isenta do Princípio da Onerosidade. Todas as entidades desde Sua Exa. o Presidente da República, o Primeiro-ministro, os Ministros da Defesa e Secretários (as) de Estado concordam verbalmente e alguns por escrito, com o absurdo, mas a Liga dos Combatentes continua a receber faturas impagáveis e por isso devolvidas ao Ministério das Finanças e ao Ministério da Defesa Nacional, de cerca de 800 mil euros por ano. A Liga vive, como outras Associações das quotas dos sócios e de um subsídio do MDN.

Em que ficamos? Querem matar-nos?

Por favor deixem de nos enviar faturas semestrais sobre matéria que a lei nos isenta, faturas que não podemos pagar e por isso temos devolvido, por decisão da Assembleia-Geral, do Conselho Supremo e da Direção Central da Liga dos Combatentes.

Caros membros da Liga dos Combatentes, espero não ter que vos pedir para recorrermos a outros meios para que este assunto seja solucionado.

O outro assunto que nos incomoda diz respeito ao Estatuto do Combatente. Documento Histórico no que diz respeito ao Reconhecimento Moral. Mas muito aquém do justo no que se refere ao Reconhecimento Material. O aprofundamento do apoio social e do apoio à saúde é justo e por isso fundamental. A revisão positiva das leis 9/2002, 3/2009 e 46/2020 é urgente para tranquilidade dos que vivem na pobreza e na doença, e para revisão da recompensa material concedida aos que se bateram na guerra em situação de periculosidade, como previsto na lei.

A Liga dos Combatentes já apresentou a sua proposta de revisão do Estatuto do Combatente ao Ministério da Defesa Nacional e à Assembleia da República - Comissão de Defesa Nacional.

A comemoração do Centenário e a luta pela resolução destas duas situações conduziu-nos a candidatarmo-nos a mais um mandato, que teve o vosso incondicional apoio, na esperança de que brevemente possa fazer um editorial que apenas se subordine ao título simples e reconfortante de: REGOZIJO.

Pensamentos positivos conduzem mais facilmente aos objetivos! 🇵🇹

# Centenário da travessia aérea Lisboa-Funchal

22 de março de 1921



**José Geraldo**  
Coronel

Fez precisamente um século, no dia 22 de Março de 2021 que o hidroavião, de fabrico britânico, o Felixtowe F-3-4018, amarava na baía do Funchal, entre o Vapor São Miguel e a praia. Trazia a bordo o comandante Capitão-Tenente Sacadura Cabral, o oficial de navegação Capitão-de-Mar e Guerra Gago Coutinho, o mecânico-chefe Roger Soubiran e, como segundo piloto, o Primeiro-Tenente Manuel Bettencourt. Havia sido efectuada a primeira travessia aérea Lisboa-Funchal, por uma tripulação portuguesa, ao fim de sete horas e meia de viagem.

Portugal encontrava-se, a par de outros países, bem posicionado, a seguir ao fim da Primeira Guerra Mundial, num período em que as viagens de exploração aérea evidenciavam um significativo desenvolvimento da aviação naval. Após o sucesso desta viagem, ficava demonstrada a precisão dos valiosos instrumentos de navegação aérea utilizados, o “Corretor de Rumos”, ou “Plaquê de abatimento”, constituído com a colaboração de Sacadura Cabral, que permitia calcular de forma simples e expedita a compensação necessária para a correcção do rumo a seguir, considerando a intensidade do vento; e a adaptação do Sextante da marinha à navegação aérea, aquele que seria o primeiro “Sextante com horizonte artificial” concebido e aperfeiçoado por Gago Coutinho e que passou a ser usado

a bordo de aeronaves. (Vd. Comissão Cultural de Marinha). Este indelével acontecimento foi efusivamente retratado na comunicação social da altura. No Diário de notícias de 23 de Março de 1921, podia ler-se o seguinte:

“O «Raid» Lisboa-Madeira foi ontem levado a efeito, com o mais brilhante êxito, em sete e meia horas, por um hidro-avião... Mal nos parecia a nós que ontem teríamos o supremo prazer de receber nesta cidade a visita de três aviadores portugueses, os primeiros que conseguiram realizar o *raid* Lisboa-Madeira, constituindo este facto um sucesso de tal magnitude, de tal significação científica que ecoará em todo o mundo civilizado, levando a toda a parte o nome de Portugal e a confirmação brilhantíssima das honrosas tradições de espírito aventureiro e ousado de portugueses. O Funchal está em festa. Tem entre si os lídimos representantes de toda a galhardia e de toda a heroicidade lusitanas.

A madeira regista este acontecimento nos anais da sua história como um dos que mais ventura e honra lhes trou-

xeram.” Esta viagem encheu de júbilo todos os portugueses nos quatro cantos do Mundo Português, com destaque para os madeirenses, como vem retratado no Diário da Madeira, de 24 de Março de 1921, onde podemos ler a frase, que antecipa o título da notícia, “Por ares nunca antes navegados...” a lembrar Os Lusíadas, de Luís de Camões, “Por mares nunca de antes navegados...”

Este jornal publica uma entrevista com o Comandante do hidroavião, o Capitão-Tenente Sacadura Cabral, ainda no rescaldo da euforia do grande marco. Questiona o jornalista:

“- Era favor dizer-nos V. Ex.<sup>a</sup> se o «raid» levado agora a efeito com tão feliz êxito, foi pouco antes resolvido ou já era antiga intenção de V. Ex.<sup>a</sup> e dos seus companheiros pô-lo em prática?

- Eu explicarei: Foi já em fins do ano passado que tive a iniciativa de fazer esta excursão. Não quis porém tentá-la, sem ter a certeza de realizá-la com êxito. O aparelho estava em Aveiro e desconhecia se ele tinha força necessária para poder levantar a quantidade



O hidroavião Felixtowe no dia 22 de Março de 1921, no porto do Funchal



Museu de Fotografia da Madeira - Atelier Vicente's

O “Diário de Notícias” ofereceu aos bravos aviadores um jantar em sua honra, que teve lugar no “Monte Palace Hotel”

de gasolina indispensável ao seu consumo para uma viagem até à Madeira. Aguardou-se, pois, o ensejo para uma experiência que foi levada a efeito com tempo calmo pelo 1.º Tenente aviador Rosado, verificando-se que o “F-3” podia levantar 3 pessoas e 325 galões de gasolina, o suficiente para cobrir a distância de Lisboa à Madeira, sabendo-se que o consumo do mesmo aparelho era de 35 galões por hora, pouco mais ou menos numa velocidade média de 57 a 58 milhas. Em virtude destas informações achei ser possível a efectivação do *raid*, mesmo até com mais alguma carga, aproveitando-se para isso um dia com vento a favor. Pensado, desde logo, em organizar a viagem, convidei o meu camarada Sr. Gago Coutinho e o mecânico Roger Soubiran para me acompanharem no voo, o primeiro dos quais sabia eu já, de antemão, estar morto por se meter na aventura... Escolhida assim a tripulação, na semana passada fui com o

mecânico a Aveiro e ali afinámos o aparelho para a jornada, após o que nos pusemos a caminho de Lisboa. Como havia vento do norte, o aparelho conseguiu levantar mais peso, trazendo além de nós ambos mais três tripulantes. Em vista deste resultado convidei também a tomar parte na viagem à Madeira o 1.º Tenente Ortins Bettencourt, que já se tinha oferecido para esse fim... No Sábado e Domingo últimos preparámos o resto, calculando podermos sair para esta ilha na terça-feira, se as circunstâncias do tempo o permitissem.

O meu projecto era levantar voo com 11 horas de gasolina, os seja 375 galões pouco mais ou menos. No fim de 4 horas de viagem, se o «F-3» tivesse percorrido metade da distância de Lisboa a Porto Santo, continuávamos a viagem, porque ainda ficávamos com 7 horas de gasolina para 245 milhas; de contrário, voltaríamos ao porto de partida... Na segunda-feira, portanto, fui participar ao Ministério da Marinha

a nossa intenção, para efeito da devida autorização, que foi imediatamente concedida. Pelas 7 horas de terça-feira levantou-se um vento leste, favorável. O «F-3», que estava na doca, no Bom Sucesso, foi posto no rio e a seguir embarcávamos, descolando às 10 horas e 25 minutos... às 12 e 25 passávamos sobre o vapor «Funchal» que seguia da Madeira para Lisboa, o que nos fez assegurar o reconhecimento que navegávamos em bom caminho. Às 12 e 46 passávamos sobre o vapor «Porto» que seguia para a Madeira. Antes da partida deste vapor havíamos solicitado a seu bordo para, no caso de avisarem o «F-3», durante a viagem, nos dizerem, por meio de sinal, a distância a que nos encontrávamos do término do «raid»; todavia, apesar de termos dado a volta, não vimos nenhum sinal, sendo provável que ele só aparecesse quando já estívéssemos a distância impossível de descortiná-lo. Às 13 e 20 cortámos a linha de navegação das

Canárias. Às 14 e 45, voámos sobre o «Avon». Às 15 e 50 avistámos um vapor que nos fez crer estarmos na linha de navegação de Cabo Verde. Às 17 horas avistámos o Porto Santo, exactamente quando calculámos estar a 30 milhas da mesma ilha. Às 17 e 20 passámos perto do farol do Porto Santo e às 17 e 30 avistámos a Madeira. Pelas 17 e 46 passámos em frente do Porto de São Lourenço e às 18 e 4, finalmente pou-sámos, depois de algumas evoluções sobre a baía do Funchal...”

A tripulação do «F-3», foi recebida pelo Capitão do porto e pelas autoridades civis e militares, posteriormente dirigiram-se ao Palácio de São Lourenço, onde receberam calorosos cumprimentos e palavras elogiosas, pelo Governante Civil de então, António da Cruz Rodrigues dos Santos. Depois dos discursos de homenagem foram saudados pela multidão que se encontrava no exterior do palácio. Receberam felicitações, através de telegramas, de várias entidades, entre outros, do Grupo de Esquadilha Aviação Republicana, Clube Militar Naval, cruzador “Vasco da Gama”, Centro de Aviação Marítima e Comandante Fontoura da Escola Naval.

O “Diário de Notícias” ofereceu aos bravos aviadores um jantar em sua honra, que teve lugar no “Monte Palace Hotel”. Com o sucesso desta viagem ficou demonstrada a eficácia dos instrumentos, que se mostrariam ser relevantes na realização da travessia do Atlântico Sul, entre Lisboa e o Rio de Janeiro, que se realizou entre 30 de Março e 17 de Junho de 1922.

Pensamos que é importante, a título de homenagem, mesmo que de forma resumida, saber quem eram estes heróis, à data deste memorável feito:

Sacadura Cabral contava com 40 anos de idade, solteiro, nascido em Celorico da Beira, com o posto de Capitão-Tenente. Assentou praça em 1897, tirou o brevet de piloto aviador na escola de Chartres, em França. Foi o primeiro oficial português que obteve aquele diploma. Encontrava-se ao serviço da aviação desde que regressou a Portugal. Foi attaché aéreo das delega-



Sentados: Sacadura Cabral do lado esquerdo e Gago Coutinho do lado direito. De pé: Roger Soubiran do lado esquerdo e Ortins Bettencourt do lado direito

ções em Paris, Londres e Washington. Serviu em África, ocupando-se de estudos geográficos.

Gago Coutinho, com o posto de Capitão-de-Mar e Guerra, tinha 52 anos de idade, solteiro e natural de Belém. Assentou praça aos 17 anos, em 1886, tendo chegado a prestar serviço em navios de guerra à vela. Dedicou-se aos estudos geográficos durante os últimos 20 anos. Participou em diversas viagens geográficas em África. Ocupou-se dos estudos de navegação aérea, tendo realizado, cerca de dois

anos antes do *raid*, uma modificação no sextante aplicado à aviação. Ortins Bettencourt, 1.º Tenente, tinha 28 anos de idade, solteiro, natural da ilha Graciosa, Açores. Assentou praça em 1912, tendo tirado o curso de aviação em Pensacola, Florida (Estados Unidos da América), onde esteve desde Outubro de 1919 até Junho de 1920.

Roger Soubiran era natural de França, tendo sido contratado pelo nosso governo para servir em Portugal havia cerca de 4 anos, desde que existia no nosso país aviação militar.

## A Vida em Combate de Soldados Portugueses na **Primeira Guerra Mundial (1914-1918)**



**Fernando Rita**  
Tenente-coronel

### A Primeira Grande Guerra em Angola

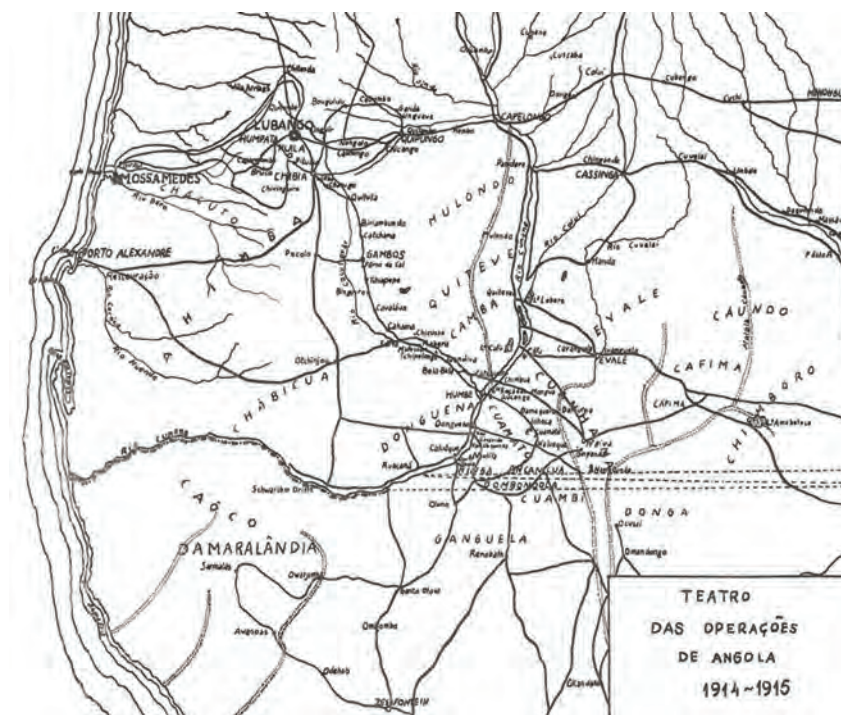
As operações militares que decorreram no sul de Angola, no âmbito da participação portuguesa na primeira grande guerra, constituíram uma das campanhas militares de forças nacionais a decorrer em solo africano. Perante um cenário de assumida ambição territorial por parte dos alemães em África, Portugal acompanhava desde o início do conflito na Europa, e logo após o ataque alemão a Moçambique, o desenvolvimento de possíveis incidentes com Angola, porque a colónia fazia fronteira a sul com a Damaralândia, possessão alemã situada em pleno Sudoeste Africano. Neste contexto, a metrópole resolveu enviar expedições militares para participarem numa campanha de pacificação do sul de Angola, que actuaram num teatro de operações que ocupava uma superfície cerca de quatro vezes superior à de Portugal, constituído na época pelos antigos distritos de Moçamedes e de Huíla. Esse teatro de operações tinha ainda como característica peculiar ser atravessado por dois grandes rios, que nasciam no planalto do Huambo, o Cunene, que era tributário do Oceano Atlântico e o Cubango que seguia na direcção leste, desaguava no designado grande pântano. O rio Cunene, o maior rio do teatro, corria na direcção norte-sul, e sempre foi alvo de atenta

observação militar, no que diz respeito à referenciação dos vaus que possibilitavam a sua passagem, principalmente no tempo seco. Foi para este cenário, que em 11 de Setembro de 1914, Portugal projectou para a região a primeira de duas expedições, que tinha como principal missão assegurar a ordem pública, integridade e pacificação da colónia principalmente a sul, na região de Cuanhama. Evitava também com a ocupação desta região, um bloqueio junto à zona neutra, tentando impedir a progressão de quaisquer forças que procurassem invadir o território Angolano. Comandava esta missão de carácter defensivo, até porque não se estava em guerra com a Alemanha, o tenente-coronel Alves Roçadas.

Com um efectivo de aproximadamente 1 600 homens, apresentava na sua composição forças de diferentes

proveniências, pertencentes ao 3.º batalhão do Regimento de Infantaria 14 de Viseu; à 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras de Lisboa; à 2.ª Bateria do Regimento de Artilharia de Montanha de Viana do Castelo; ao 3.º esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 9 do Porto; elementos do Serviço de Saúde, fornecidos pelo 1.º Grupo de Companhias de Saúde de Lisboa e ainda os Serviços Administrativos, fornecidos pelo 1.º Grupo de Companhias de Administração Militar de Lisboa.

Com a participação de cerca de 18 000 combatentes, entre tropas da metrópole e indígenas, foram contabilizados nas duas expedições enviadas por Portugal para este teatro de operações, cerca de 810 mortos, 683 feridos, 68 prisioneiros de guerra, 200 desaparecidos e 372 incapazes, nos dois anos da campanha em terras de Angola entre



Mapa com a representação do Teatro de Operações junto ao rio Cunene, no Sul de Angola. Fonte: Tenente-Coronel Alberto de Almeida; A Artilharia Portuguesa na Grande Guerra; p.264

1914 e 1915. De seguida iremos contar uma história de vida dum combatente maiato, que se digladiou nos difíceis terrenos do sul de Angola. Uma existência de guerra, que tem aspectos comuns com tantas outras experiências desse mesmo teatro de operações africano, mas cujas diferenças as tornam tão próximas. Este relato permite-nos dar a conhecer apenas uma pequena parte da história de uma grande maioria de soldados maiatos que foram actores desconhecidos nesta guerra ultramarina. A sua história até agora esquecida constituirá uma lembrança de muitas desses homens que aqui não poderemos acrescentar. Foi num ambiente difícil que a história do soldado que aqui rememoramos foi gravada. A experiência em combate deste homem pautou-se por uma existência delicada e extenuante, resultante das acções de combate em que esteve envolvido e da adversidade do ambiente em que actuou, fazendo-o viver em alguns casos situações verdadeiramente dramáticas.

## Um Soldado Maiato no Cunene

Manuel José Ferreira Campinho Pimenta nasceu no lugar de Folgosa, no concelho da Maia, em 21 de Janeiro de 1893. Mineiro, com 1,62m, era um homem de rosto redondo, boca pequena e nariz regular. Tinha olhos castanhos, cabelo e barba preta. Não sabia ler, nem escrever. Foi incorporado no Re-



A partida da Primeira Expedição Portuguesa para o sul de Angola  
Fonte: Revista da Ilustração Portuguesa, Outubro 1914

gimento de Cavalaria n.º 9, no Porto, em 12 de Janeiro de 1914, quase com 21 anos, para cumprir o Serviço Militar Obrigatório. Após vários meses de instrução, seria colocado definitivamente, com o n.º 273, no 3.º Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 9, no Quartel do Monte Pedral, em 13 de agosto de 1914. Seria destacado para Angola, em 11 de Setembro de 1914, participando na 1.ª Expedição, comandada pelo Tenente-Coronel Alves Roçadas, como soldado atirador de 1.ª classe, do 3.º Esquadrão, do RC 9. As forças desta expedição, com 1 525 homens e 335

solípedes, foram transportadas pelos vapores portugueses “Moçambique” e “Cabo Verde”, que foram escoltados por sua vez pelo Cruzador “Almirante Reis”, e pelas Canhoeriras “Ibo” e “Beira”, tendo desembarcado em Moçâmedes, em 1 de Outubro de 1914. Numa 1.ª fase, a partir de 22 de Outubro, estacionou no planalto do Lubango, com a restante força, numa postura defensiva, contra um possível ataque alemão a partir da Damaralândia, sobre o sul de Angola, em direcção a Moçâmedes, até ao dia 31 de Outubro de 1914. Esteve no combate decisivo desta expedição, que ocorreu junto ao forte de Naulila, a partir do dia 18 de Dezembro de 1915, contra as forças alemãs comandadas pelo major Frank, que chegaram a essa posição no dia 17 e da qual saíram vitoriosas. O nosso soldado, participou neste marco militar da 1.ª expedição, que durou cerca de quatro horas, no 2.º bloco de forças do dispositivo da batalha, comandado pelo major Salgado, na posição de Donguena, com mais duas companhias do RI 14 e duas peças de artilharia Canet.

O soldado Manuel Campinho Pimenta, não chegou a embarcar de regresso à metrópole, porque faleceu a 10 de



O Quotidiano do Campo de batalha na região do Baixo-Cunene  
Fonte: Fundo Iconográfico do Arquivo Histórico Militar

Abril de 1915, com apenas 22 anos, de Febre Tifóide, numa altura em que já actuava na região a 2.ª expedição do General Pereira D'Eça. O local da sua sepultura encontra-se no lugar de Cabana, constituindo o mesmo, a única vítima mortal oriunda do concelho da Maia, que actuou no sul de Angola.

## O Comandante de Cuangar

O Tenente Joaquim Ferreira Durão nasceu na Freguesia de São Pedro, no concelho de Ponta Delgada, em 18 de Fevereiro de 1876; Começou o serviço militar como voluntário, no Regimento de Caçadores n.º 10, em Angra do Heroísmo, em 3 de Novembro de 1892, com apenas 16 anos; Em 1896, continuou a sua carreira militar, complementando a sua formação na Escola Central de Sargentos de Infantaria, em Mafra, em 1896. No posto de Sargento-Ajudante, seria promovido a Alferes em 8 de Fevereiro de 1906. Destacado para a província de Angola, logo em 15 de Março de 1906, começava o seu serviço em campanha, nas Operações de Pacificação do Capitão Alves Roçadas, pertencendo à 15.ª Companhia Indígena de Infantaria. Desta forma, entre 23 de Agosto e 27 de Novembro de 1906, fez parte da Campanha de Huíla que iria actuar na zona sul desse distrito; Ao longo do vale do rio Caculevar, dominaram Pocolo e Bela-Bela, em direcção ao Cunene, fundando o Forte Roçadas no Cuamato. Foi nes-

te contexto que entre 12 de Julho e 14 de Outubro de 1907, participou na famosa Campanha do Cuamato, onde se destacou nas seguintes acções em combate: Combate de Mufilo em 27 de Agosto contra os Cuamatos; Defesa de Auongo em 2 de Setembro; Marchas debaixo de fogo até aos Fortes Damequero e Cuamato entre 13 e 20 de Setembro. No fim das operações com a ocupação do embala do Naloeque em 4 de Outubro e a submissão das tribos do Cunene. Continuou na região do além-Cunene até Fevereiro de 1909, tendo comandado a força que capturou o “Chanda”, Soba dos Cuamatos em 5 de Janeiro de 1908. Em 30 de Maio de 1908 acabou por ser nomeado comandante da Polícia Indígena de Huíla, sendo promovido ao posto de Tenente em 11 de mar de 1909. No mesmo ano da promoção iria fazer parte da Campanha de Ocupação do Baixo-Cubango de 1 de Agosto a 10 de Novembro de 1909; Terminou a sua comissão de mais de 4 anos em Angola, em 10 de Abril de 1910, regressando à metrópole, mas logo em 13 de Novembro, voltava novamente a esta província; Em Janeiro de 1912 seria nomeado Comandante Militar do Forte Evale. Um ano mais tarde, em 28 de Fevereiro de 1913 era nomeado comandante militar do Forte de Cuangar e em Julho, Capitão-Mor do Baixo-Cubango. Em 19 de Outubro de 1914, com o “Incidente de Naulila”, tem início o conflito armado entre portugueses e alemães no sul de Angola. Os alemães atacaram o For-




Tenente Joaquim Ferreira Durão

te de Cuangar de surpresa, em 31 de Outubro de 1914, sob o comando do capitão Lehmann. Com dez praças europeias do posto de Kuring-Kuru, vinte homens seus, a polícia indígena alemã e guerreiros do ex-soba Ananga, equipados com metralhadoras pesadas. Não houve baixas entre os alemães, mas do lado português pereceram dois oficiais, entre eles Joaquim Durão e Henrique Sousa, um sargento, cinco praças europeias e dezoito indígenas, mais o negociante Nogueira Machado.

## Bibliografia

RITA, Fernando, Na Sombra do Expedicionário: A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial, Editora Fronteira do Caos, Porto, 2013.

RITA, Fernando, Com a Vida Tão Perdida: Diário de um Prisioneiro na Primeira Guerra Mundial, Editora Fronteira do Caos, Porto, 2016. 



O Quotidiano do Campo de batalha na região do Baixo-Cunene  
Fonte: Fundo Iconográfico do Arquivo Histórico Militar



O Quotidiano no Forte de Cuangar no Sul de Angola  
Fonte: Fundo Iconográfico do Arquivo Histórico Militar

# O ATAQUE A ANGOLA - 15 de Março de 1961

## Evocação no 60º Aniversário



**João José Brandão Ferreira**

Tenente-coronel Piloto Aviador, Ref. Cmdt. Linha Aérea

Angola possuía uma dimensão enorme com 1.264.314 Km<sup>2</sup> (14,5 vezes a Metrópole), com 4837 km de fronteira terrestre e 1650 Km de orla marítima. Luanda estava a 7300 km de Lisboa e para se atingir Lourenço Marques era preciso percorrer mais 3000 km. A maioria da fronteira terrestre era permeável à guerrilha que se movimenta livremente no Congo, no Zaire e na Zâmbia. Só as fronteiras da Rodésia e da República da África do Sul eram seguras para nós.

Angola era escassamente povoada, apenas com 4.800.000 habitantes (cerca de 4H/Km<sup>2</sup>), dos quais 95,5% eram negros, 3,5% brancos e 1,1% de mestiços. Existiam 94 etnias diferentes, contando nove grupos étnico - linguísticos. No fim do conflito o número de combatentes portugueses contabilizava cerca de 70.000 homens e o inimigo cerca de 11.000.

No final de 1960, deram-se os incidentes na baixa do Cassange e em Catete, que foram duramente reprimidos por forças militares, mas que podem ser considerados como um ensaio para acções mais vastas. A 4 de Fevereiro do ano seguinte, grupos conotados com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) atacaram, em Luanda, a cadeia de S. Paulo (na tentativa de libertar os presos resultantes, nomeadamente, dos incidentes

“À população do Bungo:

Vai-se acumulando, de dia para dia, uma expectativa maior e, ao mesmo tempo, um aumento de nervos e de impaciência que pode levar a sérios desmandos e desatinos o que, aliás, já se tem verificado. Peço, portanto, a todos que se mantenham calmos, que não saiam da área dos seus postos e que, em caso de alarme, os ocupem rapidamente em vez de se juntarem à minha volta. Também se vai criando um movimento de desconfiança, que a todos prejudica.

O momento actual não é de se porem problemas; proponha-se soluções, mas que não firam susceptibilidades. A situação é de guerra e ninguém a ignora. Medo todos nós sentimos, o que precisamos é saber dominá-lo no devido momento. Aqueles que se não sentirem com condições físicas e principalmente morais, que se retirem, pois aqui só prejudicam os que sabem o que querem. Aqui não há lugar para cobardes, esses que retiram também, que nós apenas os olhamos com piedade. Se tivermos de cair que caiamos de pé, pois nas nossas veias corre sangue português, o mesmo de há oito séculos. A bem da defesa do território português, em qualquer parte do mundo.»<sup>1</sup>

*Manuel Jorge Mota da Costa*  
*Alferes paraquedista*

acima citados; a Companhia de Polícia Móvel e a Casa de Reclusão Militar. Nessa acção morreram numerosos atacantes e seis polícias. Os tumultos e as agressões prolongaram-se por vários meses, sobretudo nos musseques (bairros periféricos de Luanda).

A partir de 15 de Março, a União dos Povos de Angola (UPA), apoiada pela etnia bakongo, que estava espalhada em ambos os lados da fronteira, atacou inúmeras fazendas no Norte de Angola, chacinando (com requintes de crueldade) cerca de 1.200 europeus e seis mil africanos de etnia bailundo, que trabalhavam na cultura do café. Nunca foi determinado ao certo o número de vítimas que este ataque provocou e que fora planeado e organizado no ex-Congo Belga. Para além das zonas fronteiriças, os ataques incidiram especialmente numa zona interior, os Dembos, região com cerca de 40 mil km<sup>2</sup>, muito acidentada e arborizada e uma das principais áreas produtoras de café. O ataque, segundo o que estava previsto, devia durar dez dias.<sup>2</sup>

Este ataque foi precedido por: Um vasto conjunto de acções a nível mundial contra a política ultramarina portuguesa, cujo epicentro se situava na Organização das Nações Unidas (ONU); Uma pressão acentuada da nova Administração Kennedy para que Portugal mudasse a sua política e concedesse a independência aos territórios do ultramar; Apoio político da administração americana à UPA e apoios materiais por parte de organizações não-governamentais; Uma campanha nos “média” internacionais contra as posições portuguesas; Agitação político-social em Portugal, por parte da oposição e de elementos das Forças Armadas<sup>3</sup>; Um pedido urgente, por parte da Libéria, para se convocar uma reunião do Conselho de Segurança da ONU a fim de condenar Portugal (o debate teve início a 13 de Março e a votação ocorreu a 15 do mesmo mês). Embora não tivesse obtido a maioria necessária, os EUA votaram, pela primeira vez, contra Portugal. O ataque militar, por seu turno, visava: Aterrorizar os europeus para

que debandassem (como tinha acontecido no Congo Belga); Convencer pelo medo a população que se disponibilizava a dar apoio aos fazendeiros; comprometer perante a autoridade legal os autores dos massacres, para gerar acções de retaliação como as que foram praticadas na Baixa do Cassanje; Mostrar à opinião pública internacional que a população de cor se opunha à administração portuguesa; Atingir Luanda; Paralisar toda a actividade económica das zonas atingidas. Exceptuando este último objectivo (que durou apenas poucos meses), nenhum dos outros foi atingido. No entanto, devemos realçar o falhanço total das autoridades portuguesas no campo das informações, as quais foram totalmente surpreendidas pelo ataque de 15 de Março. O falhanço foi ainda maior se pensarmos que tinham chegado às autoridades civis e militares, em Luanda, diversas notícias que davam conta da preparação do ataque. As mesmas terão sido ignoradas por não terem sido consideradas verosímeis, ou porque ninguém quis ser o “portador de más notícias”.<sup>4</sup>

Para além da chacina praticada, os elementos que conduziram o ataque tentaram obstruir as vias de comunicação e desenvolveram uma intensa campanha de acção psicológica junto

das populações autóctones. O primeiro ataque a colunas militares só se deu, porém, a 5 de Abril, nos Dembos, na região do Cólua. Sucederam-se depois os ataques a povoações isoladas, sendo o armamento utilizado muito rudimentar. Em finais de Maio, a subversão estendeu-se a quase todo o Norte de Angola, acima do paralelo de Luanda, numa área cerca de duas ou três vezes superior à Metrópole. Estima-se que cerca de 170 mil elementos da população dos distritos do Uíje e Zaire terão fugido, voluntariamente ou não, para o Congo, e cerca de 39 mil refugiaram-se nas matas.

Em Cabinda, porém, só a 12 de Abril é que se deram os primeiros ataques subversivos ordenados pela UPA. De qualquer modo, não se registaram actos de barbaridade, muito em parte devido à acção da unidade militar destacada no distrito, que desenvolveu intensa actividade preventiva. À medida que o tempo ia passando e que a actividade das tropas portuguesas se foi fazendo sentir, as acções dos agentes subversivos começaram a ficar confinadas às zonas mais recônditas e inacessíveis do terreno, passando a ser mais frequente o recurso à tática da guerra de guerrilha. Em contrapartida, o seu armamento começou a melhorar



Guerrilheiros da UPA, na região do Dembos. Imagem da FNLA

substantialmente. Em meados de 1962, as áreas de maior actuação da guerrilha abrangiam, sobretudo, as regiões de Noqui-Lufico, Bessa Monteiro, Quicabo, Camabatela, Mucaba e Maquela.

Apesar das orientações da política nacional e do facto das Forças Armadas, desde as reformas militares de 1958-1959, terem reforçado o exército do ultramar e preparado as tropas para actuar em combate de guerrilha, quando a subversão armada deflagrou em Angola em larga escala, as forças portuguesas disponíveis no norte da província para lhe fazer frente contavam apenas com mil militares europeus e 1200 de origem africana, num total de 1500 portugueses e cinco mil africanos para o conjunto da província.<sup>5</sup> ▶

Em 1961, o dispositivo militar em Angola era o seguinte:

Quartel-General da 3ª Região Militar; Luanda. Da Guarnição Normal:

**Comando Territorial do Norte:**

O Regimento de Infantaria de Luanda, com duas companhias de caçadores em Henrique de Carvalho e Santo António do Zaire; Um comando de batalhão em Malange; Um batalhão de Caçadores de Carmona, com duas companhias de caçadores em Noqui e em Maquela do Zombo; Grupo de Artilharia de Campanha, em Luanda; Batalhão de Engenharia; Departamento de Material de Guerra; Departamento de Material de Intendência; Centro de Recrutamento; Departamento Disciplinar; Casa de Reclusão; Tribunal Militar.

**Comando Territorial do Centro:**

Escola de Aplicação Militar em Nova Lisboa; Regimento de Infantaria de Nova Lisboa, com uma companhia de caçadores no Lobito; Grupo de Reconhecimento de Silva Porto, com um esquadrão de reconhecimento, em Luanda; Grupo de Artilharia de Campanha em Nova Lisboa; Centro de Recrutamento.

**Comando Territorial do Sul:**

Regimento de Infantaria de Sá da Bandeira, com uma Companhia de caçadores em Vila Roçadas; Grupo de Artilharia de Campanha, em Sá da Bandeira; Centro de Recrutamento; **Circunscrição militar de Cabinda:** Batalhão de Caçadores de Cabinda, com duas Companhias de Caçadores no Dingé e em Chiaca; ▶

Em reforço:  
Quatro Companhias de Caçadores Especiais;  
Uma Companhia de Polícia Militar.  
Quartel-General / II Região Aérea (RA) Base  
Aérea nº 9, em Luanda;  
Aeródromo Base (AB) nº 3 no Negage;  
Aeródromo Base nº 4, em Henrique de Car-  
valho;  
Comando Naval de Luanda.

De salientar, no entanto, que a generalidade das unidades, algumas delas formadas por pessoal indígena, estavam desfalcadas, escassamente armadas e eram apoiadas por uma estrutura logística deficiente.

O reforço imediato vindo de Lisboa era constituído por uma Companhia de Paraquedistas e por uma Companhia de Caçadores Especiais, uma gota de água no oceano de todas as necessidades. Com estas forças e os poucos aviões da Força Aérea presentes, mas que desempenharam um papel fundamental, o Comando-Chefe em Angola desencadeou de imediato todas as acções possíveis na defesa e evacuação de numerosas povoações, protecção de itinerários e, quando possível, a punição dos sublevados responsáveis. Face à evidente gravidade da situação, e após a tentativa de golpe de Estado ter ficado resolvida, em que o seu principal mentor tinha sido precisamente o Ministro da Defesa, o General Botelho Moniz, foram enviados para Angola reforços por via marítima.<sup>6</sup> A 1 de Maio, chegou finalmente o primeiro grande contingente de tropas. Tal facto só foi possível porque as Forças Armadas tinham preparado meios e planos nos anos anteriores para tal eventualidade. Até lá a maioria das povoações das zonas afectadas só puderam contar consigo próprias ou com magros reforços, mas defenderam-se valentemente, havendo a registar inúmeros casos de heroísmo em situações verdadeiramente dramáticas. Em meados do mês de Maio, começaram a organizar-se colunas que, a partir de Luanda, se dirigiram para norte e ocuparam os principais centros, para daí avançarem em todas as direcções. Em cerca de quatro meses, no meio de dificuldades tremendas de toda a ordem, as forças

locais reforçadas com as metropolitanas levaram de vencida todos os obstáculos e posições inimigas, reocuparam todas as povoações e permitiram que a vida voltasse à quase normalidade na esmagadora maioria das áreas afectadas. Além disso, conseguiram ainda o regresso de 200 mil angolanos às suas antigas povoações.

Ali foram escritas páginas de grande valentia e abnegação tratando-se, sem dúvida, de um dos momentos altos da já longa história do povo português. A organização da subversão foi desarticulada através de três grandes

operações militares envolvendo forças conjuntas: a ocupação de Nambuangongo, e os ataques à Pedra Verde e à Serra de Canda.

A 7 de Outubro, o Governador-Geral e Comandante-Chefe já podia afirmar: «Pouco a pouco, a máquina militar foi desenvolvendo o esquema da reocupação previamente traçado e hoje podemos anunciar que apenas não só todas as povoações e postos administrativos estão de novo ocupados, como também não existem quaisquer limitações aos movimentos que dentro do território nacional se decida executar.»<sup>7</sup>



Tenente-coronel Maçanita a caminho de Nambuangongo

<sup>1</sup> Citação do Alferes Mota da Costa retirada de Revista Mais Alto, ano III, nº 28/29, Ago/Set de 1961, p. 14.

<sup>2</sup> Ver Pedro Cardoso, «Evolução do Conceito Estratégico Nacional no Século XX», Revista Estratégia, Vol. IV, p. 64, Instituto de Relações Internacionais, Lisboa, 1992.

<sup>3</sup> Ainda está por aclarar as conexões eventualmente existentes entre determinadas acções (dada a sua proximidade temporal e objectivos específicos) lançadas pela oposição interna ao governo português. Por exemplo, o objectivo inicial do desvio do paquete Santa Maria era chegar a Luanda para participar numa revolta, tomar o poder naquele território e desencadear outras acções subversivas.

<sup>4</sup> Um exemplo dos intervenientes que fez chegar notícias da sublevação que se preparava, foi o então administrador do distrito do Uíge, Custódio Ramos. (Ver artigo saído na revista «Única», do semanário Expresso, de 30/08/08.)

<sup>5</sup> Ver CECA, «Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África» (1961-1974), Vol. I, 2ª Edição, pp. 166-167, Estado-Maior do Exército, Lisboa, 1988.

<sup>6</sup> O General Botelho Moniz tinha alertado o Professor Salazar, através de carta pessoal, da situação crítica das Forças Armadas, face aos desafios globais que se abatiam sobre os territórios portugueses, dizendo a certa altura: «A situação destas é angustiosa e caminhamos para uma situação insustentável, onde poderemos ficar à mercê de um ataque frontal, com forças dispersas por quatro continentes, sem meios bastantes e com uma missão de suicídio da qual não seremos capazes de sair, uma vez que a política não encontra soluções nem parece ser capaz de encontrar.» Franco Nogueira, Salazar, Vol. V (p. 227).

## A ÚLTIMA PATRULHA DO BC 3 - CARMONA

### 10 a 18 de Março de 1961



Serafim Sousa e Silva

Há quase 60 anos, precisamente às 6 horas da manhã do dia 10 de Março de 1961, teve início aquela que seria a última missão de patrulhamento efectuada pelos militares do BC 3 - Carmona na região nordeste do Distrito do Uíge. Essa missão de patrulhamento foi efectuada sob o meu comando e integrava os seguintes militares, todos eles pertencentes à 1.ª Companhia:

Furriel António Jorge Gaspar; 1.º Cabo Mecânico Leonardo Rita Machado; 1.º Cabo Atirador António Máximo Campos dos Santos; Soldado Condutor José Muchamba; Soldado Atirador Martins Macange; Soldado Atirador João Samocnja e Soldado Atirador Daniel Muchila.

Iniciada ainda em clima de paz, sob o meu comando, a missão que nos tinha sido atribuída tinha em vista o cumprimento dos mesmos objectivos fixados para as missões anteriores desempenhadas pelo BC 3 e deveria cumprir o seguinte programa:

Dia 10: Carmona - Negage - Puri - Cuilo - Caiongo - Cangola-Sanza Pombo;  
Dia 11: Sanza Pombo - Cuilo Pombo - Buenga Sul - Cuilo Futa - Macocola;  
Dia 12: Macocola - Quimbele - Icoca - Quimbele;  
Dia 13: Quimbele - Cuango - Macocola;  
Dia 14: Macocola - Santa Cruz de Macocola;  
Dia 15: Santa Cruz de Macocola - Macolo - Massau - Uamba - Sanza Pombo;  
Dia 16: Sanza Pombo - Puri - Negage - Carmona.

Tratava-se de um patrulhamento com a duração prevista de sete dias, mas que, devido ao eclodir do terrorismo, acabou por se estender até ao dia 18,

quando regressámos ao Quartel em Carmona, cerca das 10 horas da noite.

Os patrulhamentos ou eram efectuados nos já muito caquéticos Willys ou nos ainda menos maus UNIMOGS e desta vez deslocámo-nos em dois dos Jeeps que se encontravam em melhor estado. Lembro-me bem desse último patrulhamento e das condições em que todo ele foi efectuado, quer por nesse período, no dia 15, ter eclodido o terrorismo, quer ainda porque, no dia 16, completava os meus 22 anos...

Recordo muito claramente de na noite de 14 para 15MAR61 termos pernoitado em Santa Cruz, na casa do respectivo Administrador, Adelino Torcato Salvado, que também nos ofereceu o jantar, e de logo pelo raiar da manhã termos partido em direcção a Massau e Macolo, iniciando assim o regresso a Carmona. Nesta etapa de regresso tínhamos previsto a primeira escala para a povoação de Sanza Pombo, onde desde sempre tivemos alojamento garantido em casa do nosso bom amigo Cordeiro, Gerente da Casa Comercial da RIMAGA, Empresa pertencente a Ricardo Matos Gaspar, um dos pioneiros do Uíge, que desde a primeira hora fez questão de nos disponibilizar instalações para pernoita do pessoal das patrulhas em qualquer das Fazendas ou Casas comerciais que possuía espalhadas por toda aquela região, onde igualmente nos garantia alimentação, tudo de forma absolutamente gratuita.

Aliás, gestos destes eram habituais da parte em todos os Fazendeiros e Comerciantes, bem como de algumas autoridades administrativas, e, de entre todos, recordo bem as Famílias Cordeiro de Oliveira, Fernando Faria, David Lelinho e Graça Santos, na região do Songo, Neves Ferreira, na Damba, Ricardo Gaspar em Sanza Pombo e no Zalala, Rodrigo Baião, então Chefe do

Posto Administrativo da povoação de 31 de Janeiro, Ângelo Nunes, em Macocola, Torcato Salvado, Administrador do Concelho de Santa Cruz, Fernando Ramalho, na zona do Quitexe...

Chegámos muito cansados a Sanza Pombo, já altas horas da madrugada do dia 16 de Março, depois de uma viagem muito atribulada através de picadas intransitáveis, com pontes improvisadas, sob uma chuva intensa que muitas vezes nos obrigou a usar a força dos ombros para safar os velhos jeeps atolados na lama... Às primeiras horas dessa manhã, estava eu ainda muito sossegadinho a descansar, fui bruscamente acordado pelo Administrador AMZALAC, que, visivelmente muito preocupado, procurava chamar a minha atenção: **Sr. Alferes, acorde, acorde, atacaram o ZALALA, acorde, sr. Alferes!**

Lá acordei, claro, e o Administrador começou então a contar-me que tinha tomado conhecimento através das comunicações com a sede do Governo do Distrito, em Carmona, que as algumas populações nativas se tinham amotinado, atacando o Quitexe e a Fazenda Zalala e outras Fazendas da região, eventualmente com a existência de muitos mortos e feridos, desconhecendo-se ainda a gravidade que a situação poderia assumir.

Claro que também eu fiquei preocupado, até porque não tinha quaisquer meios de comunicação directa com o Comando da Companhia nem com o Comando do Batalhão, mas, depois de diversas tentativas com o velho P-19 da Administração do Concelho colocado à minha disposição pelo Administrador, lá consegui contactar com o Comandante do Batalhão, Major Salvador de Jesus Abreu. Depois de me informar muito laconicamente sobre o que havia acontecido, talvez em fun-▶





Mapa do Distrito de Uíge

ção do pouco que, naquele momento, ele próprio conheceria sobre tudo que estava acontecendo, foi-me ordenado que prosseguisse a minha missão de patrulhamento e que, se tivesse de actuar, que actuasse com toda a força!

**QUE ACTUASSE COM TODA A FORÇA! COMO SERIA ISSO POSSÍVEL?!...**

Com efeito, considerando que o grupo sob o meu comando era constituído tão somente por oito militares:

Um oficial, eu, com pistola metralhadora FBP e pistola Parabellum, com 90 + 16 munições; Um Furriel Miliciano, com pistola metralhadora FBP e 90 munições; Um 1.º Cabo Mecânico, com espingarda Mauser e 20 munições; Um 1.º Cabo Atirador, com espingarda Mauser e 20 munições; e quatro Soldados Indígenas, um deles Conductor Auto, cada um com uma espingarda Mauser e 20 munições.

Com que força poderíamos então nós actuar se porventura viéssemos

a ter algum confronto com quaisquer elementos rebeldes eventualmente existentes entre a população das muitas Sanzalas existentes ao longo do itinerário que ainda nos faltava percorrer até Carmona?!...

Como é natural, o Administrador procurou por todos os meios ao seu alcance que eu e os militares que me acompanhavam não abandonássemos a povoação de modo a que, com a colaboração da população civil, pudesse ser garantida a sua defesa, mas não consegui ver satisfeitos os pedidos nesse sentido dirigidos quer ao Governador do Distrito, quer ao próprio Comandante do BC 3.

Face à manifesta ansiedade da população civil, resolvi então passar o dia na povoação e, juntamente com o Administrador, efectuámos novos patrulhamentos às sanzalas mais populosas da região, nada de anormal se tendo detectado.

Ao fim do dia, na Sede da Administração do Concelho, estive presente

na reunião promovida pelo Administrador com alguns dos elementos civis mais influentes de Sanza Pombo para analisar as poucas informações então existentes sobre os acontecimentos recentes e para estabelecer um Plano de Defesa da povoação, que logo começou a ser executado com a fixação de vigias nos pontos considerados mais sensíveis e a criação de rondas permanentes integradas por elementos da população civil e membros da Administração do Concelho, nas quais eu e também os militares que me acompanhavam tomámos parte durante a noite.

Ao raiar da manhã do dia seguinte, 17 de Março, retomámos a nossa missão de patrulhamento, agora a caminho do Puri, uma pequena povoação sede de Posto Administrativo, onde fomos encontrar as pessoas com enorme preocupação, sentindo-se naturalmente indefesas perante a gravidade dos acontecimentos ocorridos, ainda desconhecida em toda a sua extensão... Aí contactei o Chefe de Posto, informan-

do-o sobre o que tinha observado nas Sanzalas entre as povoações do Puri e de Sanza Pombo, por onde passei sem qualquer manifestação hostil, pois as mesmas se encontravam absolutamente calmas, aparentemente com menos gente em comparação com o que tinha observado nas minhas anteriores passagens pela região.

No sentido de procurar que os habitantes do Puri ganhassem alguma sensação de segurança, resolvi pernoitar na povoação, decidindo que ao princípio da noite, seriam então efectuados novos patrulhamentos pelas áreas vizinhas, até ao Caiondo e Cangola, as povoações próximas do Puri, tendo sido sempre acompanhado pelo Chefe de Posto, que ficou com uma atitude bem mais serena e confiante, pois nada de anormal se encontrou.

Aliás, a ausência de quaisquer acções terroristas desenvolvidas pelas populações nativas desta região, entre o Negage - Puri - Cangola - Sanza Pombo, manteve-se e só bastante mais tarde tiveram lugar os primeiros incidentes, estando já os respectivos habitantes muito melhor preparados para os enfrentar com êxito.

Na manhã do dia seguinte, 18 de Março, depois de ter efectuado nova passagem pelas sanzalas mais próximas, e, verificada a normalidade da situação, partimos então para a última etapa da nossa missão de patrulhamento, retomando o regresso a Carmona.

De passagem pelo Negage, aliás como sempre fazia quando por lá passava, fui até à Messe da Força Aérea, onde tomei conhecimento mais detalhado, e também mais fidedigno, sobre o que realmente tinha acontecido, com especial incidência na área do Quitexe, confinante com a região dos Dembos.

Aí fui encontrar o Tenente Coronel Alberto Correia, meu antigo Professor na Escola do Exército, que, segundo julgo, chefiava uma qualquer Missão enviada de Lisboa e que ficou admirado com a "dimensão" do meu grupo e o tipo de armamento de que dispunha, quase impondo que fôssemos escoltados no regresso a Carmona por uma força constituída por militares do Negage,



Vila de Sanza Pombo, 1961

como se, naquela altura, ali os houvesse disponíveis!... Partimos mais tarde para os últimos 40 quilómetros de patrulhamento e chegámos ao Quartel em Carmona cerca das 22H00 de 18MAR61, sem que tivéssemos de enfrentar a ocorrência de quaisquer incidentes.

Entretanto, o Comandante do Batalhão, depois de ter enviado um grupo de militares comandado pelo Aspirante Henrique Mesquita de Abreu para verificar o que tinha acontecido no Zalala e proteger os Fazendeiros da região, tomara já as medidas necessárias para tentar defender as povoações mais ameaçadas, que se situavam no Vale do Loge, tendo mandado avançar o Tenente Pedro Simões Dias para o Quitexe e o Alferes Manuel Linhares para Nova Caipemba.

Os poucos militares existentes em Carmona na sede do Batalhão, entretanto já reforçados com um Pelotão deslocado do RIL - Regimento de Infantaria de Luanda, não paravam para descansar e estavam naturalmente empenhados na defesa dos pontos mais críticos à volta da Cidade, com especial relevo para a Central Eléctri-

ca e Aeroporto, não descurando as missões de vigilância e controlo das sanzalas dos arredores. Como se impunha, na defesa da Cidade e dos arredores, também colaboravam activamente elementos civis da população, sempre que possível enquadrados por alguns elementos das Autoridades Cíveis e pelos militares eventualmente disponíveis, nos quais se integravam os Oficiais do QSG - Secretaria, Conselho Administrativo e Parque Auto.

Como é óbvio, também constituía motivo de forte preocupação a segurança dos itinerários que conduziam ao Quitexe e ao Songo e muito especialmente ao Negage, onde poucos meses antes se tinha estabelecido a Base Aérea 3.

Tudo isto se desenrolava sob uma tensão tremenda e o muito medo que ninguém ousava expressar - não só entre a população civil, mas também entre os próprios militares, pois ninguém podia assegurar a fidelidade dos militares Indígenas, que, em Carmona, eram quase todos de origem Bailunda, mas todos os receios se mostraram infundados!...

# Envio de livros para São Tomé e Príncipe



**Manuel Costeira**

1º Sarg Cavº/Ref  
Presidente do Núcleo da LC de Loulé

Cerca de 20 mil livros acondicionados em 349 caixas, com um peso total de cerca de seis toneladas e meia, seguiram no dia 26 de março de 2021, com destino a São Tomé e Príncipe tendo por objetivo de apoiar com estes recursos materiais e didáticos, uma gama alargada de alunos das escolas locais e outros leitores São-Tomenses.

A iniciativa solidária juntou o Núcleo de Loulé da Liga do Combatentes, com a Rede de Bibliotecas do Município de Loulé ao redor da campanha “Livros Solidários para São Tomé”, com organização do Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes e da Rede de Bibliotecas do Concelho de Loulé, contando ainda com o apoio da comunidade das escolas públicas e privadas do concelho de Loulé (Escola Profissional de Alte e Colégio Internacional de Vilamoura), da Biblioteca Municipal de Loulé e da Fundação Manuel Viegas Guerreiro, bem como do imprescindível apoio logístico da Câmara Municipal de Loulé e da Junta de Freguesia de Quarteira.

A ideia nasceu no ano letivo de 2020 inscrita no âmbito da “Semana da Leitura” que se realiza anualmente naquele País por alturas de março, procurando honrar o desejo solidária que percorreu a sociedade de Loulé em conduzir uma campanha de recolha alargada de livros de diferentes temáticas e para diferentes escalões etários, com o objetivo de apoiar aquele evento anual que ocorre em São Tomé e Príncipe. O Núcleo de Loulé da Liga dos Comba-



tentes cedo se envolveu no processo de recolha dos livros e com iniciativa se aliou à Rede de Bibliotecas de Loulé e Agrupamentos Escolares do Concelho, que tinham iniciado uma campanha paralela a carecer de sustentação – sobretudo logística, daí «surgindo um bom casamento» e conjugados esforços, diligências que a Câmara Municipal de Loulé naturalmente apoiou.

A ponte familiar existente entre o Presidente do Núcleo de Loulé e a Escola Portuguesa em São Tomé e Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPSTP-CELP), Entidade que vai receber os livros, constituiu-se desde logo numa abonação de cooperação profícua e institucionalmente sustentada, caso a iniciativa obtivesse o adequado êxito na “recolha” dos livros e fossem proporcionadas as condições de transporte destes em tempo oportuno e adequadas condições, premissas que se concretizaram e possibilitaram esta “cooperação”.

Manuel Costeira, presidente do Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes, em complemento da sua dedicada colaboração a esta iniciativa e empe-

nho pessoal na mesma, esclareceu que será a “Escola Portuguesa”, neste momento dirigida pela Dr.ª Manuela Costeira, «a fazer a distribuição equitativa dos livros, por todas as escolas e bibliotecas de São Tomé e Príncipe».

A recolha começou em 2020, prolongou-se por dois anos letivos (2019/2020 e 2020/2021), mas só em 2021 foi possível que tantos e tão diversificados livros pudessem seguir viagem com rumo ao seu destino de oferta.

No dia 21 de março, três carrinhas, cedidas pela Câmara de Loulé, foram carregadas com todos os livros que seguiram para o Aeroporto Militar de Figo Maduro, em Lisboa.

Daí, partiu no dia 26 um voo da Força Aérea, rumo a São Tomé, voo que constitui mais um apoio recebido e o qual merece o nosso grato regista e agradecimento à FAP:

Para que tudo corra bem na receção dos livros, bem como em eventuais eventos que a sua distribuição suscite, foi dado conhecimento ao Senhor Embaixador de Portugal e ao Adido de Defesa Militar junto da Embaixada de Portugal em S. Tomé.



# Portugal na NATO

## Missão de Ajuda Humanitária ao Paquistão



**António José Rodrigues**  
Sargento-chefe

Em 08H50 (horas locais) do dia 8 de outubro de 2005, quando a região de Kashmir foi violentamente sacudida por um terramoto de magnitude 7.6 na escala de Richter, com epicentro na região de Muzaffarabad, a capital da província, a 95 km da capital, Islamabad. O terramoto provocou a destruição completa numa área de cerca de 30.000 km<sup>2</sup>, nomeadamente ao longo da faixa sudeste-noroeste de Kashmir e parte do distrito de Bagh e de Abbottabad. Embora a dor e a perda não devam ser quantificadas e/ou qualificadas, para a história ficam os números, a estatística cilícia das pessoas que perderam a vida (a rondar as 80.000), das que sofreram os mais variados ferimentos (mais de 100.000, entre elas cerca de 40.000 crianças), e de mais de 500.000 famílias que ficaram sem casa.

Sob a coordenação do *Euro-Atlantic Disaster Response Coordination Centre* (EA-DRCC), a NATO esteve presente nesta operação com aproximadamente 1.200 militares, provenientes de 21 nacionalidades. A componente aérea da NATO *Response Force* (NRF) participou com aviões C-130 e C-160 de vários países, quatro helicópteros CH-53 alemães, um helicóptero do Luxemburgo e uma área de reabastecimento de combustível para helicópteros, proveniente da França. No que diz respeito aos meios da componente terrestre, foram envia-

das para a zona de Bagh e de Arja uma Companhia de Engenharia Ligeira de Espanha (*Land Component Command/LCC*) e outra da Polónia, uma Companhia de Engenharia Pesada Italiana, um Esquadrão de Engenharia do Reino Unido, um Hospital de Campanha da Holanda – com efectivos médicos da República Checa, da França, do Reino Unido e de Portugal –, um Hospital de Campanha do Canadá, Equipas de Purificação de Água de Espanha, da Lituânia e da Polónia e, igualmente, Equipas para a Cooperação Civil-Militar (CIMIC) provenientes da França e da Eslovénia.

Através de uma efectiva ponte aérea, a NATO efectuou mais de 160 voos entre a Europa e o Paquistão, fazendo chegar ao terreno aproximadamente 3.500 toneladas de ajuda humanitária, incluindo 16.000 tendas, 500.000 cobertores, 40.000 sacos de dormir, 17.000 fogões e várias toneladas de medicamentos e de alimentos.

A partir do aeroporto de Chaklala, helicópteros em permanente grau de prontidão transportaram mais de 1.700 toneladas de ajuda humanitária à região devastada, e encaminharam para

as competentes autoridades paquistanesas mais de 7.000 pessoas deslocadas, doentes ou feridas. A equipa de reabastecimento de combustível, situada em Abbotabad, reabasteceu 1.095 helicópteros com 2.372 m<sup>3</sup> de combustível.

A Componente Terrestre materializou o seu apoio médico com a instalação de dois hospitais de campanha, tendo realizado cerca de 8.000 consultas, vacinado 2.300 crianças e observado 9.700 pessoas através de equipas médicas móveis, transportadas via helicóptero, por viatura, e até com recurso à utilização de mulas, através das acidentadas montanhas da Caxemira.

Em termos de apoio de engenharia, foram construídas 112 infra-estruturas (escolas e centros de saúde) acima dos 1.500 metros, que apoiaram 1.945 estudantes, permitindo que fossem atendidas perto de 1.700 pessoas por dia. Abaixo dos 1.500 metros de altitude, na região de Arja e de Bagh, foram construídas 9 escolas para 525 estudantes e um Centro de Saúde apto a receber, diariamente, 200 pacientes. Relativamente à reparação e limpe-



za de estradas, foram feitos trabalhos numa extensão de cerca de 60 Km e removidos escombros num total de 41.500 m<sup>3</sup>, na área de Arja e de Bagh.

Em cooperação com algumas Organizações Não-Governamentais, a NATO apoiou o transporte e a montagem de 13 tendas escola, permitindo a sua utilização por parte de 1.500 estudantes.

No final, cerca de 40.000 paquistaneses beneficiaram directamente da ajuda da NATO e 100.000 indirectamente.

Portugal participou nesta operação com duas equipas médicas, na área de Ginecologia – sendo uma do Exército e outra da Marinha –, integradas na Componente Terrestre da NRF e com militares do Estado-Maior do *Allied Joint Command Lisbon* (AJC Lisbon), tanto na fase de planeamento, como na condução da operação, nas áreas de Comando, Pessoal, Operações, Finanças, CIMIC (*Civil-Military Cooperation/Cooperação Civil-Militar*) e Informação Pública.

Num país enorme, envolvente, de gente humilde, prazenteira e afável, a azáfama de helicópteros que, a partir do aeroporto militar de Chaklala, com destino às inhóspitas montanhas de Kagan, a Bagh e Arja, a Lahore, a Peshawar, a Abbottabad, a Neelum, Allai, Jhelum, ou à região de Muzaffarabad, chegava e partia, levando auxílio e prestando todo o apoio possível, era permanente. “NATO is delivering relief to the people of Pakistan”, era o lema daquela operação que empenhadamente materializámos. Lado a lado com as Nações Unidas, entre outras diversas organizações não-governamentais, a



NATO esteve presente nesta missão com equipas de engenharia, hospitais de campanha, médicos e enfermeiros, meios aéreos e terrestres de auxílio, variado equipamento de assistência, medicação e ajuda humanitária que, regularmente, fazendo a ponte entre a Europa e o Paquistão, via Alemanha e Turquia, ali fez chegar a ajuda de todos os países membros.

Os Paquistaneses sabiam que, naquelas horas difíceis, muitas nações estavam consigo, unidas num mesmo sentimento de solidariedade e de esforço de entreatajuda.

Hoje, dezasseis anos depois, recordo essas tantas estórias, imensas pessoas e ainda mais experiências, não só profissionalmente, mas, sobretudo, no saber feito a partir das mais difíceis lições de vida. A 8 de Fevereiro

de 2006, os últimos 16 elementos que compunham a NATO *Disaster Relief Team* regressaram a Portugal, com o sentido do dever cumprido. Desse lote, restava o único e o último português a pisar de novo solo nacional.

Ao descer as escadas do avião, recordo, num misto de perene nostalgia, mas, igualmente, com indissipável orgulho, os rostos, as vozes e a presença de que já tinha saudades, da família e dos amigos que me aguardavam. O crachá da NRF e a precinta com as palavras NATO (com tradução em Urdu), que eu sempre ostentei durante esse período, ofereci-os, naquele regresso, aos meus filhos. Por eles e para eles.

A pensar nas crianças e jovens, paradigmas de fé, que conheci naquele território distante. *Pakistan, Zindabad!*

As maiores felicidades, Paquistão! 🇵🇰

09 de abril

## Dia Nacional do Combatente

Cerimónias comemorativas

O Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Marcelo Rebelo de Sousa, presidiu às cerimónias comemorativas do 103.º aniv.º da Batalha de La Lys e do Dia Nacional do Combatente, 100.º aniv.º do Soldado Desconhecido e 100.º aniv.º da fundação da Liga dos Combatentes.

**Agraciou a Liga dos Combatentes como Membro Honorário da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.**

Fotografias: Miguel Valle de Figueiredo/Liga dos Combatentes

**A**o início da manhã, na Batalha, o Presidente da República, após ser recebido pelo Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Paulo Batista dos Santos, pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro, pela Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Catarina Sarmiento e Castro, e pelo Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues, participou na Celebração eucarística pelos combatentes falecidos, presidida pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Rui Valério, na igreja do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

De seguida, o Chefe de Estado presidiu à cerimónia militar evocativa onde, após as honras militares com execução do hino nacional e revista às forças em parada, impôs as insígnias da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito no estandarte da Liga dos Combatentes.

Após ter assistido à homilia da celebração eucarística presidida pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Rui Valério, que saudou a grandeza de alma dos combatentes portugueses, que superaram deficiências, físicas ou logísticas e nunca de-

sistiram de Portugal e por ele davam a vida, o Presidente da República depositou uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido e prestou homenagem aos mortos em combate.

No final das cerimónias na Batalha, foi inaugurado o Memorial aos Combatentes Batalhenses no Jardim do Condastável, onde em redor de uma peça central se desenvolvem em leque, quatro países ancorados a uma faixa em aço pintado onde constam 12 nomes de soldados falecidos em Angola, França, Guiné e Moçambique.

As cerimónias prosseguiram depois em Lisboa, onde o Presidente da República depositou uma coroa de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra na Avenida da Liberdade e presidiu à Sessão Solene Comemorativa no Salão Nobre da Sede da Liga dos Combatentes.

Estiveram presentes nesta sessão o ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro, os Chefes dos três ramos das Forças Armadas, a Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes e o Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública. A sessão teve



Marcelo Rebelo de Sousa condecora a LC como Membro Honorário da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

o seu início com as palavras do Presidente da Liga dos Combatentes, a que se seguiu a apresentação do livro «Grandezas e Misérias do Império», pelo Tenente-General António Gonçalves Ribeiro, a entrega simbólica à Liga dos Combatentes do Espólio de José Maria Hermano Baptista, último Combatente da Grande Guerra.

Os CTT - Correios de Portugal associaram-se a este "Centenário da Liga dos Combatentes", emitindo dois selos que mostram a Sala do Capítulo, no Mosteiro da Batalha, e o outro selo que mostra uma fotografia do Desfile da Vitória em Paris, em 1919. Esta emissão filatélica é composta por dois selos com o valor facial de 0,53€ e 0,91€ e com uma tiragem de 100 000 exemplares cada. Seguiu-se a intervenção do Presidente da República, que no final condecorou o Tenente-General Chito Rodrigues com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

### DISCURSO DE SUA EXA. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MARCELO REBELO DE SOUSA NA SEDE DA LC

*“Um dia cheio este. Um dia simples, mas um dia cheio de significado. Tudo o que é importante na vida é simples. Começou na Batalha, na celebração e evocação da Batalha de La Lys, que nos fez recordar há três anos, o agradecimento formal do presidente da república francesa aos portugueses que se tinham batido por Portugal, pela Europa, mas muito especialmente pela França. Continuou na homenagem anual ao Soldado Desconhecido, aos Soldados Desconhecidos de todos os combates da História de Portugal. Prosseguiu com o gesto simbólico que associou a homenagem nacional à homenagem local repetida por todo o território continente, regiões autónomas e para além do território físico de Portugal. Fez a ponte entre combatentes da Grande Guerra e combatentes daquilo que foi a presença durante longos anos em África, de gerações que deram sequência aos combates que traduzem, as vicissitudes e a afirmação da História de Portugal e, termina aqui nesta sessão, não sem antes haver percorrendo este dia cheio, duas homenagens. Uma homenagem aos Combatentes e uma homenagem à Liga dos Combatentes. Uma homenagem aos combatentes, sem eles não haveria a Liga dos Combatentes, sem eles não haveria Portugal.*

*Os Combatentes desde a fundação da nacionalidade, os com-*

*batentes aqui tão bem evocados pelo senhor Tenente-general Gonçalves Ribeiro, que expandiram, que atravessaram oceanos, que fizeram ponte entre culturas e civilizações, que deixaram a sua marca, a nossa marca em todos os cantos do mundo. Não admira por isso, que um herdeiro de um desses combatentes na Grande Guerra tenha querido homenagear seu pai com a entrega do espólio à Liga dos Combatentes. Homenagem a todos os combatentes, que lutaram com valor, lealdade e mérito. Com o valor da coragem antes do mais, a lealdade à Pátria comum, o mérito da afirmação portuguesa para além das fronteiras de Portugal, na dimensão universal que sempre foi nossa, que é nossa e será nossa. Não admira por isso, que a primeira forma de reconhecimento aos combatentes da Grande Guerra por parte da República Portuguesa tenha sido, no início da década de trinta, a atribuição da Comenda da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, antes mesmo do reconhecimento à Liga dos Combatentes com a Comenda da Ordem de Benemerência, antes mesmo do reconhecimento subsequente com o título de Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique abrangendo já combatentes da década de sessenta. Esses combatentes estão presentes na nossa História, estão presentes na nossa*

memória. Ouvi aqui referir, a V.<sup>a</sup> Excelência, senhor Presidente e também ao autor da obra “Grandezas e Misérias do Império» referir a preocupação que por vezes assalta alguns com o temor do não reconhecimento de todos, mas o reconhecimento da nação portuguesa é constante ao longo da sua História aos combatentes por Portugal. Naturalmente que demora algum tempo a ganhar distanciamento sobre os acontecimentos. Isso aconteceu com a fundação, aconteceu com a expansão no território continental português de hoje, aconteceu com a travessia dos oceanos.

Pensemos no velho do Restelo. Aconteceu com a presença do Império Português nas suas grandezas e nas suas misérias, nas mais diversas latitudes e longitudes. Aconteceu naturalmente, também, com o passado recente da História de Portugal.

E se olharmos para o fundo, o verdadeiro fundo do povo português, nele está, é bom que se diga e eu tenciono aprofundá-lo dentro de dias, nele está o essencial da gratidão, que é uma gratidão àquilo que define o melhor da nossa identidade nacional. Não isenta de passos, mais felizes e menos felizes, de glórias e de fracassos, mas fazendo desta Pátria uma Pátria de quase nove séculos de História. Mas o dia de hoje é também um dia de homenagem à Liga dos Combatentes, porque onde houve combatentes na Grande Guerra, logo aí surgiu a Liga dos Combatentes. Demorou alguns escassos anos, foi um processo complexo como V.<sup>a</sup> Exa. recordou, de 1921 a 1924. Atravessou um período muito difícil, difícil em termos sociais, o apoio aos combatentes na pobreza ou mesmo na miséria, o apoio às viúvas e aos órfãos, a reconstrução da vida de tantos portugueses. Um amparo às suas famílias, que perdurou até ao fim da década de sessenta ou até à década de setenta. A isso se somaria, entretanto, uma nova geração de combatentes com os seus problemas, com os seus problemas económicos e sociais, psicológicos, sociológicos e familiares e a Liga dos Combatentes, de novo, e aí já na transição para a democracia em plena democracia, a cumprir a

sua missão, missão difícil e complexa, por vezes levando os antigos combatentes, com alguma justiça, ansiarem por uma reposta mais rápida por parte da sociedade portuguesa. E aqui aproveito para mencionar, fruto do porfiado esforço da Liga dos Combatentes, mas também do reconhecimento do Estado português, o gesto... dir-se-á um gesto tardio, mas um gesto que chegou, no domínio da saúde muito recente reconhecendo aos antigos combatentes um tratamento que socialmente lhes era efetivamente devido.

A Liga dos Combatentes nunca deixou de lutar pelos combatentes de Portugal e, tenho de reconhecer, Senhor Presidente, que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> nos últimos mais de 18 anos, tem combatido em todas as frentes, com uma pertinácia que roça a teimosia, com uma coragem que roça a obstinação — e disso são testemunhas consecutivos Presidentes da República e governos de Portugal. Pois hoje, que foi reconhecido na Batalha, o Valor, a Lealdade e o Mérito dos combatentes de Portugal, que o mesmo é dizer das Forças Armadas Portuguesas e agora naquela geração que não tinha sido abarcada pela Comenda atribuída na década de trinta fazendo uma reparação que se soma à reparação com a atribuição da Ordem do Mérito nos 95 anos de História, eu penso que é justo que se associe a essa homenagem, a homenagem a esta última fase da vida da Liga dos Combatentes, dos combatentes de Portugal. E de Portugal nos falou, aliás hoje, brilhantemente, Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima Senhor D. Rui Valério, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, pois dos méritos desta nova fase, desta renovação da Liga dos Combatentes fala o exemplo de V. Ex.<sup>a</sup> e penso ter cabimento, nesta sessão final de um dia tão cheio, entregar-lhe as insígnias que traduzem o agradecimento, não agora aos combatentes de Portugal, não agora já à Liga dos Combatentes, mas a uma fase e à personalidade que deu alma a uma fase essencial em democracia da Liga dos Combatentes. E é isso mesmo que irei fazer entregando-lhe as insígnias da Grande Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.”



## Homilia no Dia Comemorativo da Batalha de La Lys celebrada por D. Rui Valério, Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança

O bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Rui Valério, durante a Eucaristia celebrada no Mosteiro da Batalha evocou a dedicação dos militares portugueses ao seu país.

[...] “Mas entre todos os valores, o que se afirmou e que hoje mais nos impressiona e interpela é o da fé e da confiança. E aqui apanhamos a marca distintiva dos combatentes portugueses. Oriundos de todos os pontos de Portugal, muitos do mundo rural, levavam na alma essa fé inquebrantável em Deus. E quando viram que muitos padres se voluntariavam e ofereciam como capelães para os acompanhar, entenderam ser o próprio Deus que os não abandonava, mas estava sempre com eles. E foi esta fé que forjou a confiança. A confiança no ser humano. Só mesmo de alguém que confia no Transcendente é possível esperar uma confiança absoluta nas mulheres e nos homens. Foi o caso dos nossos soldados. A confiança no ser humano, na sua palavra, nos seus princípios, é o que explica a decisão de em La Lys terem permanecido nas trincheiras, em plena frente da guerra, apesar de terem todo o armamento já encaixotado. Sinal de confiança na racionalidade humana, expressão de quem acredita na honra dos homens, sobretudo quando conacionais de um Kant, paladino da máxima «O homem é sem-

“ Os que combateram e combatem nas várias frentes de batalhas são animados por um espírito de lealdade e obediência que, em circunstância alguma, nem por nenhum motivo, esmorece ou se transforma em insubordinação.

pre um fim, nunca um meio», de um Nietzsche, homem revoltado pela sucessiva perda de referências sólidas, de um Beethoven ou Johann Sebastian Bach compositores das mais belas melodias a celebrar a paz e a harmonia... Naquelas trincheiras e naqueles campos ensangüentados e lamacentos, repletos de destruição, havia, portanto, a nobreza de soldados confiarem em soldados, ainda que inimigos. Mas... pura ilusão! E é aqui que reside a vitória dos combatentes portugueses: apesar de todas as desilusões, nunca deixaram de afirmar os supremos valores humanos. E preservaram-nos, permaneceram-lhes fiéis até ao fim.” (...)



Mosteiro da Batalha - Sala do Capítulo

**INTERVENÇÃO DO TGEN JOAQUIM CHITO RODRIGUES NA SEDE DA LIGA DOS COMBATENTES**

*“Exmo. Senhor Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa*

*Excelência*

*Permita que apresente a V. Exa. as nossas sinceras felicitações e desejos dos maiores êxitos no novo mandato que os portugueses acabam de lhe confiar. Depois, manifestar a V. Exa. a satisfação, regozijo e agradecimento, por não só, ter dedicado hoje o seu dia a acompanhar e apoiar os antigos combatentes por Portugal, mas sublinhar a sua anuência ao patrocínio das Cerimónias evocativas do nosso centenário, bem como o seu posicionamento de respeito pela História Militar portuguesa do século XX, em particular pelos que dela são parte, e se bateram, heroicamente, em guerra prolongada no Ultramar, considerando a Liga dos Combatentes, Membro Honorário da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito. Facto que jamais será esquecido e será inscrito na História da nossa Liga dos Combatentes, como a demonstração do significativo reconhecimento, por parte do mais alto magistrado da Nação, pelos serviços prestados em tempo de guerra, pelos seus membros e, em tempo de Paz, pela Instituição patriótica, humanitária e defensora dos direitos humanos que a decidiram servir.*

*Exmos. Senhores e Senhoras:*

*O nosso maior reconhecimento pelo vosso apoio e a pela vossa distinta presença. O povo que não conhece a sua História está condenado a repeti-la! Afirmou recentemente V. Exa. Sr. Presidente da República, numa das suas alocações ao país. Nós, que não queremos estar condenados a repetir aquilo que desagradou a nossos avós, seguimos hoje o caminho de enaltecer e criticar, aprendendo com o passado, para viver o presente e construir o futuro. Fomos recentemente despertados por vezes adormecidas que nos perturbariam se não fôssemos fiéis aos nossos princípios e valores históricos, mas que não deixam de nos provocar um sentimento de tristeza, logo seguido de um sentimento contido de alguma revolta. Ainda assim, revolta democrática. A democracia também deixa sobressair minorias. Também elas têm direito a viver e a falar, mesmo que fiquem a falar sozinhas, ou porque o que dizem não nos faz qualquer sentido ou, fazendo, ameaçam de forma reacionário-revolucionária a própria sociedade em que vivem, devendo então merecer a nossa permanente atenção democrática. Hoje, seguindo a orientação inspiradora das nossas vidas, estamos aqui para revisitarmos uma parte dessa mesma História, fonte inesgotável inspiradora da construção do nosso presente e do nosso futuro.*

*Há precisamente um século, a 9 de abril de 1921, o povo português vestia-se de luto. Um acontecimento despertava o sentimento de gratidão desse povo aos seus combatentes, pelo que se aglomerou em Lisboa e na Batalha, para acompanhar dois soldados desconhecidos caídos na Grande Guerra, e que regressavam a casa, um vindo de França e outro de África, os quais foram solenemente inumados na sala do capítulo do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, onde ainda hoje nos curvamos e silenciámos em sua memória, e que continuamos a honrar e respeitar com cerimónias periódicas e com uma guarda de honra permanente do Exército a que pertenciam. Esse acontecimento, que hoje enaltecemos solenemente, replicou o acontecido em França a 11*

*de Novembro de 1920 e se estendeu depois a outros países da Europa e aos EUA, aprofundou o sentimento que desde 1919 pairava no espírito de alguns combatentes da Grande Guerra, os quais, confrontados com o abandono com que se viam votados por parte do Estado, decidiram organizar-se para garantir algum apoio aos combatentes mais carenciados, viúvas e órfãos. Nascia, assim, uma organização patriótica e humanitária que viria a chamar-se Liga dos Combatentes da Grande Guerra. É a ela também e aos membros que lhe continuam a dar vida, que hoje dedicamos esta sessão solene, ao assinalarmos o Centenário da sua fundação.*

*Honra aos seus fundadores, dos quais saliento João Jayme de Faria Affonso. Hoje, dia cheio de significado, já que igualmente como vimos fazendo desde então, celebramos o Dia do Combatente. Dia do 103.º Aniversário da Batalha de La Lys, no corrente ano, por proposta do Governo, e da LC, finalmente reconhecido oficialmente pela Assembleia da República, como Dia do Combatente. A estes três factos que foram esta manhã evocados pelos antigos combatentes em todo o Portugal onde exista um Núcleo da Liga dos Combatentes ou Associação, não queremos deixar de juntar uma referência a mais uma significativa efeméride. O 25.º aniversário da 1.ª Missão das Forças Armadas, na Bósnia e Herzegovina em 1996 e curvando-nos perante a memória dos que ali caíram. Gostaríamos de ver evidenciados e transmitidos a todo o Portugal por quem tem a missão de informar, promover e interpretar o verdadeiro sentimento do povo português e da sua história, estas efemérides numa singular ação de cidadania.*

*Nós Combatentes, oriundos de umas Forças Armadas em que muitas vezes o nosso silêncio falou mais alto e normalmente teve dificuldade de entendimento pelo poder político, continuamos a entender que quer os antigos Combatentes, quer as Forças Armadas continuam a seguir o mesmo princípio.*

*Ontem, como hoje, o silêncio dos Combatentes e das Forças Armadas deve ser atentamente interpretado pelo Poder Político. É isso que nos confirma um século de História. Permitam-me, pois, uma breve palavra sobre o século de vida da Liga dos Combatentes. Ele pode ser observado considerando quatro tempos, entre vezes e silêncios. Um primeiro tempo que denominamos de NASCIMENTO, de 1921 a 1934, estendendo-se desde a sua fundação em 1921, passando pela sua primeira AG em 1923 e pela sua oficialização em Diário do Governo em 1924 e a sua consolidação com agências e delegações espalhadas pelo país, com os seus órgãos eleitos democraticamente. Vai até ao Estado Novo. Termina tendo como Presidente Hemâni Cidade. Um segundo tempo que denominamos de CONSTRANGIMENTO, de 1935 a 1974, que se inicia na prática com a assunção de Oliveira Salazar da pasta da Defesa, momento de tentativa de apagamento, e a partir do qual as Direções da LC passam a ser nomeadas pelo poder político. Termina com o general Amaldo Shultz, aquando do 25 de Abril. Um terceiro tempo que denominamos de ADAPTAÇÃO inicia-se após o 25 de Abril. De 1975 a 2002. A LC volta a ver as suas direções eleitas pelos seus sócios. Perde, no entanto, bastantes Núcleos, nomeadamente os existentes no ultramar. É marcada pela construção do Monumento aos Combatentes do Ultramar em Belém. Termina com o general Faria de Oliveira. Finalmente, um quarto tempo que designei por de RENOVA-*

*ÇÃO de 2003 aos nossos dias, que é momento do tempo presente e se continuará no futuro com a renovação da Liga dos Combatentes e sua adaptação às novas circunstâncias. Esse objetivo materializa-se projetando a sua história centenária no presente e suas circunstâncias para, adotando uma atitude prospetiva, criar as condições necessárias à garantia da sua perenidade. Todas as nossas ações de hoje devem ter como horizonte contribuir para esse objetivo último: - a perenidade da Liga dos Combatentes.*

*A Liga dos combatentes vive uma trajetória de longa duração. Avançamos com o tempo e a história e tivemos um século XX brilhante. Embora brilhante, ao garantir a sua sobrevivência, viveu períodos distintos em que ao consolo dos êxitos obtidos, se opuseram dificuldades que só a força dos seus objetivos e dos seus dirigentes e membros, permitiu superar. Temos vivido no presente, neste quarto tempo de Renovação do séc. XXI, com novas características históricas da Liga dos Combatentes. Temos sido fiéis ao Grito que adotamos para nós próprios, Liga dos Combatentes Valores permanentes, Liga dos Combatentes em todas as frentes. E crescemos em todas as frentes. No número de sócios, no número de núcleos, no apoio à saúde, no apoio ao stress pós-traumático de guerra, aos sem-abrigo, enfim, no apoio social e no âmbito cultural e de defesa dos direitos humanos.*

*Sabemos que o Século XXI, a manterem-se as condições de Paz, em território nacional, que desejamos, trazer-nos-á igualmente o desaparecimento dos Combatentes da Guerra do Ultramar. O universo da Liga dos Combatentes, para além dos combatentes da guerra do ultramar, vem já sendo encontrado nos combatentes das operações de Paz e Humanitárias, os quais já se encontram representados em mais de cinquenta por cento dos nossos núcleos, nos membros das Forças Armadas e Forças de Segurança, nos familiares de Combatentes e nos cidadãos que se reveem nos nossos objetivos. O nosso Programa Passagem do Testemunho com os subprogramas Aprofundamento da abrangência procurando ter um delegado em cada unidade militar e em cada freguesia, em ligação com os 120 núcleos espalhados pelo país, bem como o subprograma dos avós aos netos, fazendo sócios os filhos e os netos dos combatentes, é já hoje uma demonstração da nossa juventude. Direi que os dois últimos dois Núcleos da Liga criados, um a Associação de Capacetes Azuis e o outro dos portugueses que vivendo agora em Portugal serviram a Legião Estrangeira Francesa e desejaram juntar-se a nós constituindo um Núcleo da Liga dos Combatentes, e cujos presidentes se encontram presentes, são dois exemplos dessa nossa Renovação tranquila, em curso. Sublinho ainda que os nossos estatutos admitem como sócios combatentes todo o cidadão que em território nacional tenha desempenhado uma missão segurança em situação de estado de sítio ou de emergência.*

*Donde os novos heróis da situação pandémica que vivemos, desde a saúde, às Forças Armadas, Forças de Segurança e Proteção civil, são mais um universo que se abre aos sócios combatentes da Liga dos Combatentes. Não posso terminar sem uma referência a situação pandémica que vimos vivendo e como ela tem sido sentida na Liga dos Combatentes. Naturalmente, como em todo o país segundo duas óticas. O aspeto humano e o aspeto económico. Sob o aspeto humano podemos afirmar que registamos até agora uma vitória não obstante alguns casos de Covid19 entre os nossos membros, não tivemos qualquer caso nas duas residências, de Extremoz e do Porto, creche ou jardim-de-infância.*



*O trabalho desenvolvido pelo nosso Centro de Apoio Médico Psicológico e Social e pelos Núcleos tem sido exemplar e de enaltecer. Já no que diz respeito ao aspeto económico sentimos não só uma derrota, mas uma preocupação profunda com a redução praticamente a zero das nossas receitas próprias resultantes da área da cultura e do turismo. Reconhecidos à Senhora Secretária de Estado pelo reforço do apoio anual normal, que foi possível conceder à Liga, já que não temos outra forma de revolver os graves problemas com que nos confrontamos e que a natureza nos criou e continuará a criar em 2022.*

*A acrescentar a essa situação dois assuntos nos preocupam profundamente: a resolução definitiva do Princípio da Onerosidade e a Revisão da Lei 3/2009 para melhoria do suplemento especial de pensão e acréscimo vitalício de pensão dos antigos combatentes, bem como a atribuição do vencimento mínimo às pensões de pobreza dos Combatentes e viúvas, e ainda o aprofundamento do apoio social e o aprofundamento do apoio à saúde, benefícios que o estatuto não contemplou.*

*A terminar permitam-me uma palavra de agradecimento ao senhor General Gonçalves Ribeiro por ter acedido a reviver connosco alguns momentos de História pessoal e de Portugal.*

*Ao senhor José Manuel Baptista se ter dignado oferecer à Liga dos Combatentes, o espólio de seu pai José Maria último combatente da Grande Guerra.*

*Ao Sr. Presidente dos CTT, Prof. Dr. João Bento e sua equipa, por ter acedido a tomar perene na história filatélica, a evocação do nosso Centenário.*

*Exmo. Senhor Presidente*

*Minhas Senhoras e meus Senhores*

*O dia de hoje é de profundo regozijo. Pelos momentos de memória que hoje assinalamos e revivemos. Pelo reconhecimento que de fomos alvo por Sua Exa o Presidente da República. Pela certeza do vosso incondicional apoio no futuro.*

*Muito obrigado a todos pela vossa presença.*

*Viva a Liga dos Combatentes!*

*Viva Portugal!".*



Batalha



Lisboa - Av. da Liberdade



Batalha



Lisboa - Av. da Liberdade



LISBOA - Sede da LC



LISBOA - Sede da LC

## Oliveira de Frades

### Monumento aos Combatentes do Ultramar

O Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho que presidiu ao evento, contou também com a presença da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Catarina Sarmento e Castro, o presidente da LC, TGen. Joaquim Chito Rodrigues, o Comandante do RI14, Cor. José Santos Sá, entre outras entidades da região. A obra, da autoria do arquiteto e engenheiro José Paulo Loureiro, caracteriza-se por um padrão central que relembra o “País dos Descobrimentos”, constituído por vários painéis dos territórios do antigo império português, nomeadamente: Angola, Guiné, Moçambique, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu. No obelisco central do



memorial, identificam-se numa placa os nomes dos nove combatentes naturais do concelho que faleceram ao serviço da pátria na Guerra do Ultramar. O Ministro da Defesa na sua intervenção, frisou que o estatuto do antigo combatente, recentemente aprovado, foi o primeiro grande passo na dignificação do ex-combatente.

O Presidente da Liga dos Combatentes agradeceu o convite à autarquia e felicitou-a pela fantástica obra que foi inaugurada, salientando que o mais

importante é o que representa e evoca. Enalteceu este movimento patriótico dos Portugueses em recordar a memória de quem deu parte da sua juventude pela defesa de Portugal, movimento espontâneo, que surge de baixo para cima, sem imposição de uma estrutura superior.

O Presidente da Câmara Municipal, Paulo Ferreira, agradeceu a todos a presença em Oliveira de Frades, contribuindo decisivamente para engrandecer a cerimónia de inauguração. **■**

## S. Pedro do Sul

### Monumento aos Combatentes do Ultramar

No âmbito das Comemorações do 25 de Abril foi inaugurado um monumento aos Combatentes do Ultramar de São Pedro do Sul com a presença do Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Cravinho que presidiu à cerimónia. O Presidente da Liga dos Combatentes, TGen. Joaquim Chito Rodrigues usou da palavra para enaltecer o papel dos combatentes nos 21 anos de guerra, desde a Índia até África, bem como o contributo decisivo no 25 de Abril de 1974. Com a aprovação no ano de 2020 do Estatuto do Antigo Combatente, repôs-se alguma dignidade, porque os ex-combatentes, por lei, passaram a ser “Titulares do Reconhecimento da Nação” de entre outras.

Seguidamente, o presidente do município, Vítor Figueiredo, agradeceu a presença das entidades e do público em geral referindo a coragem e o grandioso esforço dos combatentes de São



Pedo do Sul na Guerra do Ultramar. Por fim, o Ministro da Defesa focou a aprovação pela Assembleia da República do Estatuto do Antigo Combatente, bem como o esforço que o Ministério da Defesa tem encetado com outros ministérios para a implementação do estatuto acima referido.

Posteriormente, na Avenida da Ponte, foi inaugurado o monumento aos Combatentes e o memorial com o nome de todos os São-Pedrenses mortos em

combate. Após o descerrar da placa alusiva à comemoração foi colocada uma coroa de flores no memorial acompanhado do cerimonial de homenagem aos mortos a cargo de uma secção do Regimento de Infantaria 14.

O Núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes contribuiu em tudo que lhes foi solicitado pelo município, para que a cerimónia de Homenagem aos Mortos decorresse com a dignidade que é exigida. **■**

# UMA CRUZ NO TIMOR PROFUNDO

Há vinte e um anos, no Timor profundo, ao serviço de Portugal e da ONU, dois paraquedistas, capacetes azuis - Sold José Gonçalves Lopes e o 1Sarg José Moreira Fernandes, perdiam a vida. O helicóptero em que seguiam despenhou-se. Os seus nomes encimam a Lápide que, nas paredes do Forte do Bom Sucesso-Museu do Combatente, homenageiam os militares e membros das Forças de Segurança caídos ao serviço do país, nas Operações de Apoio à Paz e Humanitárias. Camaradas seus marcaram então o local da queda com um pequeno memorial que ali ficou esquecido no tempo. Acontece que o Programa da Liga dos Combatentes *Conservação das Memórias* tem uma conceção global e abrange todos os lugares onde estão inumados ou sinalizados militares portugueses. Também chegámos por isso a Timor. Há dois anos estivemos em Aileu, na reabilitação de um significativo monumento. Hoje, venho sublinhar a ação do Delegado da Liga dos Combatentes em Timor, Coronel António Sampaio. Conhecedor do acidente, de há vinte e um anos e com a informação de que na altura havia sido feito um memorial no lugar onde caíra o helicóptero, decidiu avançar ao reconhecimento. Acompanhado pelo seu camarada Coronel Graça, como ele assessor das altas entidades timorenses, fazendo-se ainda acompanhar de um oficial neozelandês e recorrendo a dois naturais timorenses que sabiam onde tinha sido o acidente. A operação no interior do território decorreu com sucesso e o memorial foi encontrado.

Uma cruz e uma lápide identificadora, perdida no mato timorense, tapadas pelo capim, em Alas, foram espiritual e presencialmente confirmadas. Diz o Coronel Sampaio: - *a pandemia impediu-me de ali voltar. Deixei algum dinheiro para os dois timorenses limparem e conservarem o memorial. Foi ação da Liga, do delegado em Timor, dois coronéis reformados, mas que não deixam de ser militares.*

Há vários monumentos espalhados por Timor a merecerem atenção das autoridades portuguesas. A Liga tem tido o apoio do Almirante CEMGFA. O Programa, porém, ultrapassa o interesse das Forças Armadas (FA) para se situar no interesse nacional. A Liga dos Combatentes com o seu Programa *Conservação das Memórias* não desiste. Faltam meios humanos e financeiros, pois a tarefa é gigantesca. O apoio das FA é importante, mas será fundamental interessar o Ministério dos Negócios Estrangeiros neste Programa Estratégico e Estruturante *Conservação das Memórias*, a fim de garantir interesse e apoio contínuo das embaixadas e adidos de defesa, para a ação de reabilitação e de posterior manutenção do esforço de beneficiação realizado. Com o apoio do Almirante CEMGFA estudam-se as ações possíveis de realizar em Timor, ainda no ano em curso.

Sinceras felicitações ao Delegado da Liga dos Combatentes em Timor e à equipa que congregou.

Joaquim Chito Rodrigues **■**





## Núcleo de Tomar 95.º Aniversário

A cerimónia foi presidida pelo Presidente da Direção Central (DC) da Liga dos Combatentes (LC), TGen. Joaquim Chito Rodrigues. Esta efeméride contou com a presença da Exma. Sra. Presidente da Câmara Municipal de Tomar, Dra. Anabela Freitas bem como outras ilustres autoridades civis, militares, de segurança e culturais, e aqueles pelo qual se justifica estes eventos, os associados e seus familiares.

Este dia festivo teve lugar na Várzea Grande, junto ao monumento aos combatentes da Grande Guerra (GG), na cidade de Tomar. O Programa iniciou com a imposição de “Medalhas Comemorativas das Campanhas” no Teatro de Operações (TO) de Moçambique. Foram também entregues doze diplomas do “Testemunho de Apreço”, dois a sócios combatentes que completaram mais de 50 Anos de inscrição e dez de 25 Anos de inscrição, dando assim o seu valioso contributo para os fins patrióticos e humanitários da LC. Foi ainda entregue o diploma e cartão de sócio benemérito ao Estabelecimento Prisional Militar (EPM), para homenagear as pessoas singulares ou coletivas, nacionais ou estrangeiras, a quem, por atos praticados em benefício da LC ou dos seus associados, a quem a DC atribua esta qualidade.

O núcleo de Tomar da Liga dos Combatentes homenageou os combatentes da Guerra do Ultramar, com a inscrição dos nomes, na face livre à retaguarda do monumento aos combatentes da GG, dos militares naturais do concelho de Tomar, que tombaram ao serviço da pátria de 1961 a 1974.

Procedeu-se a uma Cerimónia de Homenagem aos Mortos, onde, perante o testemunho de todos os convidados e associados, com a cumplicidade dos seus familiares, se realizou uma cerimónia de homenagem e deposição de coroa de flores a todos os militares que, no cumprimento do dever, tomba-



ram no campo de honra e da glória ao serviço de Portugal. Uma força de militares do EPM prestou as honras militares. Foram evocados os combatentes mortos na I Guerra Mundial no TO de Angola. Foram proferidas duas alocuções alusivas ao ato, pelo Presidente do Núcleo, Tenente-coronel Paulo Rêpas e pelo Presidente da DC da LC,

TGen Joaquim Chito Rodrigues. De seguida, no Cemitério de Santa Maria do Olival foi deposta uma coroa de flores no Ossário em homenagem aos Combatentes sepultados e inauguradas as obras de ampliação do Ossário e Colúmbário. Por fim, o TGen Joaquim Chito Rodrigues assinou o Livro de Honra na Sede do Núcleo de Tomar.

## Testemunho de um Combatente

*Meu General*

*Sou o coronel reformado, de 77 anos, Adriano Miranda Lima, residente em Tomar. Tendo estado presente na cerimónia comemorativa do 95.º aniversário do Núcleo de Tomar da Liga dos Combatentes, não podia deixar de lhe transmitir o meu apreço pelo notável discurso que V. Ex.ª proferiu durante esse evento.*

*Logo após ouvir as suas palavras, confessei a um companheiro ao lado que estamos a atravessar um tempo histórico e um contexto político e social em que, infelizmente, pouco mais resta aos militares senão evocar e enaltecer a sua memória colectiva, que se confunde com a da nação, dado o aparente descaso com que os governos, ao longo de décadas, vêm tratando a instituição militar, como se ela fosse coisa pouca ou facilmente descartável para um qualquer baú de sótão. Sentimento talvez demasiado pessimista, reconheço, mas é o que me perpassa.*

*É que a memória é justamente o testemunho mais fidedigno e abonatório das razões que fundamentam os anseios dos antigos combatentes. Não são razões de ordem corporativa, porque essas são contingentes e ordenam-se pela lógica de valores materiais inerentes a qualquer sector do Estado. Refiro-me àquilo que os militares de carreira sentem e interiorizam com uma legitimidade inquestionável por serem os únicos cidadãos cujo juramento de fidelidade à pátria se sela com o compromisso do sacrifício supremo. E é por este pacto de honra que quando pugnam por maior justiça aos combatentes não o fazem em causa própria, mas em nome de todos aqueles que, por imperativo nacional, se sacrificaram ao serviço da pátria. E esses, na sua maioria esmagadora, são os milhares e milhares de cidadãos civis que cumpriram o serviço militar em*

*circunstâncias de risco para as suas vidas. Portanto, os militares profissionais mais não são que porta-vozes dos anseios comuns dos antigos combatentes e promotores das suas justas reivindicações. Ora, foi sobre toda esta temática que o Meu General centrou o seu discurso. Foi impactante e vigorosa a sua comunicação, e sem dúvida que toda a audiência ficou cativada com a elegância do seu verbo e a objectividade e clareza da sua mensagem. Todos ficámos cientes da longa jornada que a Liga empreendeu ao longo destes anos para que os combatentes conseguissem finalmente o reconhecimento mínimo dos seus direitos: o Estatuto do Antigo Combatente. Tudo graças ao esforço tenaz e à persistência denodada que a instituição sob a sua superior direcção nunca deixou esmorecer.*

*Numa altura em que o culto das nossas tradições seculares se restringe a uma expressão irrisória em consequência da precária realidade das unidades militares, a cerimónia realizada pelo Núcleo de Tomar, assim como por outros mais por esse país fora, constituem, como exprimi no início, ocasião imperdível para se procurar manter viva a memória da instituição militar e do que ela é e representa para a nação. É gratificante que a Liga dos Combatentes se constitua em depositária dos nossos valores mais sublimes, um elo entre o passado e o futuro. E aqui felicito o Núcleo de Tomar pela impecável organização da cerimónia comemorativa do seu aniversário e pelo relevo que lhe deu, assim como pela expressiva alocução proferida pelo seu presidente.*

*As palavras do Meu General foram para mim um verdadeiro suplemento de alma, e creio que para todos os combatentes presentes. Muito obrigado e bem-haja, Meu General.*

*Adriano Miranda Lima*

29 de Maio 2021

# Dia Internacional das Operações de Paz e Humanitárias



Isabel Martins

Fotografias: Miguel Valle de Figueiredo/LC

Como todos os anos, em cerimónias oficiais, o espaço em frente ao Museu do Combatente e Monumento aos Combatentes do Ultramar ferve de pessoas e equipamentos, prontos para o ensaio pelas 08h00 da manhã das cerimónias militares. A começar pela tribuna que já tinha sido montada na véspera pelo Exército, a retirada dos 3 obuses que pernoitaram no Museu prontos para serem colocados junto à Torre de Belém para as salvas no devido tempo, os militares e banda a formarem para o ensaio geral e como sempre o emocionante Hino Nacional cantado por todos que àquela hora da manhã reveste especial gravidade.

Chegada dos convidados, com restrição do número de pessoas presentes por motivo da ainda segurança necessária pelas circunstâncias. Viam-se os guiões de alguns Núcleos da Liga dos Combatentes e as pinceladas azuis dos lenços, camisas e boinas dos combatentes das Operações de Paz e Humanitárias. Já com a presença de elementos da Direção Central no local chegou o Presidente da Liga

dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues, que recebeu o Chefe de Estado Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, o Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, General Joaquim Manuel Nunes Borrego, e o Vice-Chefe do Estado Maior da Armada, Vice-Almirante Jorge Manuel Novo Palma, em representação do Chefe do Estado Maior da Armada, Almirante António Mendes Calado, bem como as altas entidades, a Secretária de Estado para os Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento Castro e o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro, que após terem prestado honras ao Estandarte Nacional, à guarda da Liga dos Combatentes, e se terem postado perante o Comandante das Forças em Parada deslocaram-se à tribuna.

Finalmente chegou a entidade que presidiu às cerimónias, o Ministro da Defesa Nacional, Prof. Dr. João Gomes Cravinho, que foi recebido pelo Almirante CEMGFA e pelo Presidente da Liga dos Combatentes, e após saudação ao Estandarte Nacional dirigiu-se para o ponto de continência onde lhe foram prestadas honras militares, fazendo-se ouvir dezanove salvas de artilharia durante a cerimónia e o Hino Maria da Fonte, tendo de seguida passado revista à força acompanhado do Comandante da mesma.

Comemorando-se neste dia o Dia Internacional das Operações de Paz e Humanitárias, usou da palavra o Presidente da Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis, Fernando Frederico ▶



da Silva, seguido pelo Presidente da Liga dos Combatentes, e finalmente o Ministro da Defesa Nacional.

Na sequência da cerimónia procedeu-se à entrega de condecorações a diversos Presidentes de Câmara e representantes de Núcleos da Liga dos Combatentes (ver caixa), e o desfile da força iniciou-se com a Banda do Exército, o Estandarte Nacional, à guarda da Liga dos Combatentes desde 1928, e uma Companhia Conjunta, comandada pelo Capitão de Artilharia Fábio Nunes, composta por três pelotões, um da Marinha, um do Exército e outro da Força Aérea. No final deu-se início à cerimónia de homenagem aos combatentes mortos pela Pátria, com as coroas de flores pré posicionadas: Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis (APCA); Liga dos Combatentes; Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e do Ministro da Defesa Nacional.

O Presidente da Liga dos Combatentes, acompanhado do Presidente da APCA, de um representante da Guarda Nacional Republicana e de um representante da Polícia de Segurança Pública, prestaram homenagem aos combatentes das Operações de Paz e Humanitárias, deslocando-se para a lápide na parede do Museu com os nomes dos militares caídos nestas operações, tendo de seguida e com o Almirante CEMGFA acompanhado o Ministro da Defesa ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, onde se encontravam três coroas, e procederam à homenagem aos mortos caídos em defesa da Pátria. Foram executados o toque do silêncio, toque de homenagem aos mortos caídos em defesa da Pátria, seguiram-se 30 segundos de silêncio e o toque de alvorada, tendo a entidade que preside regressado à tribuna, e sendo ouvido o Hino aos Combatentes.

Terminada a cerimónia militar, dirigiu-se o Ministro da Defesa ao Museu do Combatente, acompanhado pelo Almirante CEMGFA, Presidente da Liga dos Combatentes, Chefes dos Ramos das Forças Armadas, representantes das Forças de Segurança e restantes convidados, para a inauguração da LARC-V (Lighter, Amphibious Resupply, Cargo, 5 ton).

Na sequência da cerimónia procedeu-se à entrega de condecorações a diversas personalidades:

**Medalha de Serviços Distintos, Grau Prata:**

- Coronel do Exército Carlos Manuel Alves Batalha da Silva.

**Medalha da Defesa Nacional 1ª Classe:**

- Capitão-de-Mar-e-Guerra Filipe Macedo.

**Medalha da Cruz de S. Jorge, 1ª classe:**

- Coronel António Correia.

**Medalha de Mérito da Liga dos Combatentes - Grau Ouro:**

- Dr. Paulo Jorge Frazão Batista dos Santos, Presidente da CM da Batalha;
- Dr. Isaltino Afonso Morais, Presidente da CM de Oeiras;
- Dr. Luís Carlos Piteira Dias, Presidente da CM de Vendas Novas;
- Dr. Alberto Mesquita, Presidente da CM de Vila Franca de Xira;
- Coronel João Paulo Amado Vareta, Ex-Presidente do Núcleo de Braga;
- Dr. Afonso da Conceição de Mesquita, Presidente da Assembleia-Geral do Núcleo da Covilhã;
- Coronel Fernando Jorge Calisto Duarte, Vice-Diretor do Complexo Social Nossa Senhora da Paz, no Porto;
- Coronel João Paulo Silvestre Paulino, Presidente do Núcleo de Coimbra;
- Sargento-mor Vítor Manuel Frois Caldeira, Diretor da Residência S. Nuno de Santa Maria, em Estremoz;
- Sargento-mor António Fernando Brites Couto, Presidente do Núcleo de Reguengos de Monsaraz.

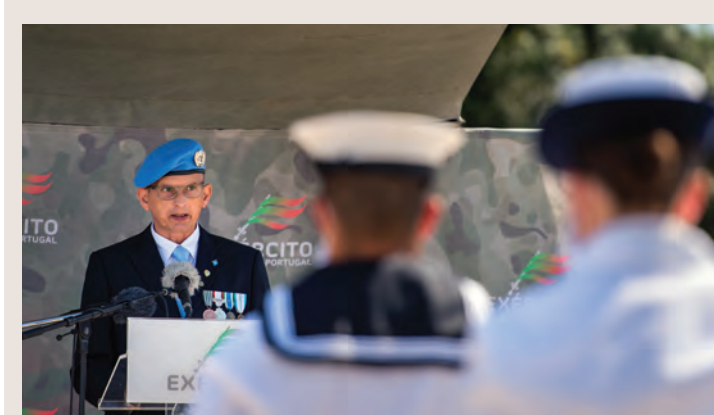
Na Sala Aljubarrota puderam observar as exposições de Isabel Martins do Museu do Combatente sobre as Forças Nacionais Destacadas. A convite do Museu do Combatente o Cor. Paulo Gonçalves, apresentou a exposição de cartoons *Mission Crayon* acompanhada pelo vídeo, um musical de 15 minutos, sobre a experiência na Bósnia que deu origem a este trabalho, e estreia mundial no Museu do Combatente, cujo tema *The Messenger* é baseado numa história verídica vivida quando em missão na Bósnia, sendo o diálogo em português do próprio, a música e líricas da autoria de Ryan Patrick Martins, o trabalho dirigido por John Coppola e o intérprete Eduardo Enrikez.

O Eng.º Vítor Cardoso ofereceu mais uma peça à Liga dos Combatentes, a NRP 330 *Vasco da Gama*, que se encontra exposta no Museu do Combatente.

A Liga dos Combatentes e o Museu do Combatente agradecem os apoios da Panasonic com equipamento multimédia para o evento e aos militares da

Marinha (Divisão de Material, Comando do Corpo de Fuzileiros, Direção de Navios, Museu de Marinha, Divisão de Relações Externas, e Infraestruturas), envolvidos no processo de transporte e cedência da LARC para o Museu do Combatente, a todos os funcionários do Museu do Combatente que apoiaram o marketing na pintura, restauro do Museu – equipamentos e material – e na preparação da sala de exposição e *catering*, bem como, ao Serviço de Património da Liga dos Combatentes na aquisição e transporte de materiais para o evento, ao Tenente-coronel Álvaro Diogo, *speaker* da cerimónia, Comandante Francisco Monteiro e Tenente-coronel Tiago Costa de Benavente, pela disponibilidade e ajuda na confeção de nova capota e estofos na UAGME, para o jeep Mutt, exposto no Museu, e que conseguiram numa semana responder ao nosso pedido de apoio.

No final da cerimónia foi servido na parada e na Sala S. Mamede, um ligeiro *catering*. 🇵🇹



Fernando Frederico Silva, Presidente da APCA

“ Portugal participou em 40 das operações com presença desde a primeira missão, sendo em 1993 criada a primeira Força Nacional Destacada que integrou uma Missão das Nações Unidas.



TGen Joaquim Chito Rodrigues, Presidente da LC

“ A bravura portuguesa! Como poderíamos nós duvidar dela se ela tem um padrão, uma memória, um monumento em cada canto de Portugal?



MDN João Gomes Cravinho

“ Para além do reconhecimento internacional às nossas Forças Armadas, vale a pena referir os esforços que também o Governo tem feito para assegurar, ao nível nacional, o devido reconhecimento e apoio a quem serve nas fileiras nacionais.

## “TOMBARAM COMBATENDO UM INIMIGO INVÍSEL” O afundamento do caça-minas *Roberto Ivens*



Paulo Costa

HTC-NOVA FCSH/CFE  
Universidade de Coimbra

No dia 26 de Julho de 1917 o caça-minas *Roberto Ivens* afundou-se na barra do porto de Lisboa, por ter colidido com uma mina colocada pelo submersível alemão UC54.

Em Julho de 2021, cumprindo-se o 104º aniversário do naufrágio, o momento é oportuno para evocar o episódio e lembrar duas intervenções do Sargento da Armada Tiago Gil, um dos sobreviventes e membro da Liga dos Combatentes.

O caça-minas *Roberto Ivens* e o patrulha-de-alto-mar *Augusto de Castilho* foram os dois únicos navios que a Armada Portuguesa perdeu durante a Grande Guerra. Em ambos os casos pereceram membros das respectivas guarnições, compostas por militares e por civis ADM (Auxiliares de Defesa Marítima). Mas enquanto o combate do *Augusto de Castilho* se viria a tornar o grande momento icónico da participação da Marinha na Primeira Guerra Mundial, incontornável e amplamente conhecido, o afundamento do caça-minas *Roberto Ivens* praticamente caiu no esquecimento. A diferença entre as memórias que se preservaram de cada um destes episódios talvez se deva ao facto de o *Augusto de Castilho* se ter afundado após um duelo de artilharia em pleno Atlântico, onde foi evidente a desproporção de forças entre beligerantes e a bravura da sua guarnição, enquanto o *Roberto Ivens* se afundou por ter colidido com uma mina submarina, nas mais calmas águas da barra do rio Tejo, num episódio aparentemente inglório e desprovido da mesma carga épica de batalha naval.

Na explosão que vitimou o *Roberto Ivens* desapareceram 15 elementos da guarnição, um deles o seu comandante, o 1º Tenente Raul Cascais. Sobreviveram apenas sete homens. Um desses sobreviventes, o Segundo Sargento Tiago Gil, viria mais tarde a pugnar para que o derradeiro sacrifício da guarnição do caça-minas *Roberto Ivens* não fosse esquecido. Na sua opinião, as circunstâncias dos dois naufrágios eram seme-

lhantes: em ambos os casos um navio da Marinha portuguesa perdera-se no cumprimento de uma missão durante a Grande Guerra, tendo perecido parte da guarnição. Por isso Tiago Gil desejava que a acção de guerra que provocara o afundamento do *Roberto Ivens*, e a consequente morte dos seus camaradas, obtivesse um reconhecimento público idêntico ao que tinha sido alcançado pelo combate do patrulha-de-alto-mar *Augusto de Castilho* com o submersível alemão U139.

Assim, após a guerra, são conhecidas duas intervenções do Sargento Tiago Gil que nos permitem ficar a saber aquilo que ele acreditava dever ser feito para honrar o sacrifício dos camaradas que, nas suas palavras, “tombaram combatendo um inimigo invisível”.

Acerca do próprio Tiago Gil, sabemos que nasceu a 3 de Janeiro de 1898 na Freguesia de São Julião, no Concelho da Figueira da Foz, Distrito de Coimbra. Foi incorporado na Escola de Alunos Marinheiros do Norte em Outubro de 1914 e, após terminar o período de instrução, em Agosto de 1915, assentou praça como 1º Grumete. Durante os anos de 1915 e 1916 prestou serviço na Divisão Naval de Defesa, na Divisão Naval de Instrução e, por último, na Superintendência de Submarinos. A 21 de Abril de 1916 embarcou pela primeira vez no caça-minas *Roberto Ivens*, onde obteve a especialidade de Sinaleiro. A 31 de Julho de 1918 foi promovido a 2º Marinheiro Timoneiro-Sinaleiro e integrado num Batalhão Expedicionário enviado a Moçambique, onde viria a permanecer por 126 dias. Foi a partir de 1920 que o seu estado de saúde se começou a deteriorar, com claras consequências para a sua carreira militar. Uma Junta de Saúde considerou-o inapto para todo o serviço devido a uma tuberculose incipiente, tendo sido abatido ao efectivo do Corpo de Marinheiros no ano seguinte. Ainda compareceu regularmente



A única fotografia conhecida do caça-minas *Roberto Ivens*, ex-arração Lordello, Museu de Marinha.

perante várias Juntas, tendo sido regulado em 1926 que pudesse alcançar na reforma a graduação em Segundo Sargento de Manobra.

Nesse mesmo ano de 1926, a propósito do aniversário do afundamento do caça-minas *Roberto Ivens*, Tiago Gil concedeu uma entrevista ao periódico *O Século* onde descreveu o naufrágio. Narrou que o caça-minas se encontrava a navegar do cabo Espichel com rumo ao cabo Raso quando, cerca das 16 horas, se deu a explosão. Tiago Gil tinha acabado de abandonar o leme e encontrava-se com outros marinheiros debaixo da ponte, perto do guincho, quando a popa do navio foi pulverizada pela explosão. A proa afundou-se pouco depois e Tiago Gil deu por si entre as ondas, num mar encrespado pelo vento norte, sendo recolhido por uma baleeira do rebocador *Bérrio* quando já quase perdera a esperança de se salvar. Em tom de desabafo declarou ao periódico que “*Quis a má sorte que, em vez de se bater, o Roberto Ivens fosse passar sobre uma das minas que andava pescando humanitariamente e patrioticamente*”, afirmação que nos sugere uma óbvia alusão ao episódio do combate entre o patrulha *Augusto de Castilho* e o submersível U139.

Foi mais tarde, em 1953, a propósito da realização de uma homenagem pública à guarnição do patrulha-de-alto-mar *Augusto de Castilho*, que Tiago Gil tomou a iniciativa de contactar a Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Numa carta endereçada ao seu presidente, o General Silva Basto, Tiago Gil descreveu as missões dos caça-minas durante a Grande Guerra e as rotinas do *Roberto Ivens* em particular. Mas o objectivo principal da carta era muito claro: propor uma cerimónia de homenagem aos seus camaradas, os marinheiros que haviam perecido no naufrágio. Lamentando o esquecimento a que estes pareciam ter sido votados, Tiago Gil recorreu a uma argumentação onde inequivocamente compara os naufrágios dos dois navios, procurando assim encontrar uma razão que explique o reconhecimento obtido por um face ao olvido de que o outro foi alvo. Se anos antes, ao periódico *O Século*, Tiago Gil já tinha expressado ter sido má sorte o *Roberto Ivens* não se ter batido, ao General Silva Basto escreveu “*Lembra-me, por vezes, que o esquecimento seja motivado por não terem tombado com armas na mão*”, para mais à frente acrescentar “*(...) todos perderiam a vida, sem que ao menos tivéssemos a glória de morrer com uma arma na mão (...)*”. Parece-nos evidente que, nas suas intervenções, Tiago Gil comparou as circunstâncias da perda do caça-minas *Roberto Ivens* com as do patrulha *Augusto de Castilho* procurando explicar pela inexistência de um combate o esquecimento que se abateu sobre o caça-minas. Terminou a carta sugerindo uma cerimónia; que na data do aniversário do seu afundamento, um ou mais navios fossem ao local do naufrágio lançar flores ao mar. Tiago Gil não viveu para ver concretizado o seu desejo, mas a cerimónia realizou-se finalmente em Julho de 2017, cem anos após o afundamento. Dois navios da Armada Portuguesa, a fragata NRP *Bartolomeu Dias* e a corveta NRP *João Roby*, deslocaram-se ao local onde em 2016 foi localizado o destroço, levando a bordo o



Segundo Sargento da Armada Tiago Gil.  
Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico.



Primeiro-ministro Dr. António Costa e Dra. Maria Fernanda Cascais, neta do 1º Tenente Raul Cascais, lançam coroa de flores Marinha - CIRP - Imagem e Design (c) 2017

Primeiro-ministro, o Ministro da Defesa, o General CEMGFA, o Almirante CEMA e outras individualidades militares e civis, bem como alguns descendentes de membros da guarnição. Após uma breve intervenção do capelão da Marinha e de uma salva de artilharia, o Primeiro-ministro e a neta do 1º Tenente Raul Cascais, Maria Fernanda Gargaté Afonso, lançaram ao mar uma coroa de flores, em homenagem não só à guarnição do caça-minas *Roberto Ivens*, mas também de todos os marinheiros portugueses que tombaram durante a Grande Guerra. Quanto ao Sargento Tiago Gil, faleceu a 17 de Agosto de 1979, com 81 anos. Encontra-se sepultado no talhão da Liga dos Combatentes do Cemitério Oriental da Figueira da Foz, sua terra natal. 🇵🇹

## Dia Nacional do Combatente



Como em anos anteriores, por todo o país e estrangeiro, onde existem Núcleos da Liga dos Combatentes, foi celebrado o Dia Nacional do Combatente. Dado o elevado número de cerimónias realizadas e a impossibilidade de todas serem publicadas na Revista COMBATENTE, as notícias encontram-se online em [www.ligacombatentes.org](http://www.ligacombatentes.org).



MARQUE  
A SUA  
**CONSULTA**  
DE ACONSELHAMENTO  
**GRATUITA**



TORNE CADA MOMENTO  
INESQUECÍVEL **CUIDANDO**  
**DA SUA AUDIÇÃO**

**BENEFICIE DA PARCERIA LIGA DOS COMBATENTES/WIDEX\***

- 20% DE DESCONTO NUM PROGRAMA DE REABILITAÇÃO AUDITIVA\*
- 5 ANOS DE PILHAS
- 4 ANOS DE SEGURO

\*A oferta de serviços varia consoante o Programa de Reabilitação Auditiva adquirido. Não acumulável com outras campanhas, acordos e protocolos em vigor.

Nº verde gratuito  
**800 200 343**  
Dias úteis das 9h às 18h

[www.widex.pt](http://www.widex.pt)



# Tome nota

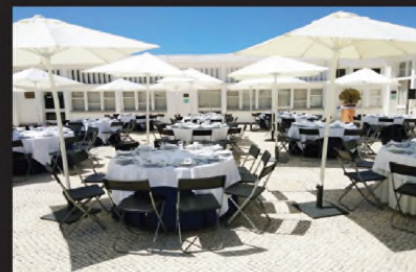
Em 29 de maio 2021 foi inaugurada a LARC-V (Lighter, Amphibious Resupply, Cargo, 5 ton), no Museu do Combatente, bem como duas novas exposições sobre as Operações de Paz e Humanitárias – uma de Isabel Martins, do marketing do museu, sobre as Forças Nacionais Destacadas, e por convite do Museu do Combatente ao Cor. Paulo Gonçalves, a Mission Crayon. Em cartoons humorísticos, mostrando a realidade da guerra na Bósnia, em Angola e no Afeganistão, deixa-nos um filme de 15 minutos, que corre diariamente em contínuo na Sala Aljubarrota, sobre a experiência real vivida na Bósnia com uma criança de 5 anos... Musical a não perder...



## A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo.

## Eventos no Forte



O Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, tem sido escolhido para a realização de vários eventos, nomeadamente de confraternização de grupos sociais e empresariais e outros de cariz mais privado, como foi o caso dos noivos que escolheram o Forte do Bom Sucesso para celebrarem o seu casamento neste espaço nobre, junto à Torre de Belém.

Novas exposições permanentes: sobre a evolução das Comunicações, dando ênfase à Imprensa e à recuperação de material da Antiga e reconhecida Tipografia da Liga dos Combatentes, bem como às Transmissões do Exército, no ano do seu 50.º Aniversário, dando-se relevo ao rádio ANGR 9 e a duas peças muito significativas para os combatentes que aumentaram o acervo do Museu, o helicóptero Alouette III, referência para um milhão de homens e o torpedo Whitehead 35 (MM.08317) com ogiva de combate.



Na nova sala AUGUSTO DE CASTILHO a exposição permanente "UM HOMEM E DOIS NAVIOS" - uma homenagem à Marinha em três vertentes históricas diferentes. Um bellissimo trabalho de modelismo com materiais reciclados do Engº Vítor Cardoso".



## História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos em escala, desde o dos irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas.



## Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

Das 10H00 às 18H00  
Contacto: 912 899 729

Bilhetes:  
4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos) grátis (sócios da Liga dos Combatentes e combatentes portadores do Cartão do Combatente)

## Especial Campanha de Mobilidade

Nº 1 EM SCOOTERS DE MOBILIDADE



## scooters de mobilidade elétricas

Para pessoas com dificuldades em andar, as scooters de mobilidade são a parceira ideal nas deslocações necessárias de forma independente: compras, idas à farmácia ou compromissos inadiáveis no seu dia a dia.

Elétricas e amigas do ambiente

Fáceis de manobrar

Não necessitam de carta de condução

EXPERIMENTE GRÁTIS EM CASA!

# OFERTA

## AR CONDICIONADO PORTÁTIL

Na compra de um equipamento de mobilidade Stannah.



As campanhas apresentadas nesta comunicação têm validade de um mês a partir da sua publicação e não são acumuláveis com outros descontos ou campanhas em vigor. Campanha válida para compras a pronto-pagamento.



## Plataforma Elevatória Smart

A mais estreita do mercado

Capacidade de carga até 300kg

Tecnologicamente avançada

GARANTE O TRANSPORTE DE PESSOAS E CARGAS DIVERSAS.

PODE SER OPERADA POR TELEMÓVEL OU TABLET



INSTALAÇÃO NUM DIA\*

# Stannah

## Elevadores de escadas

Os simples, seguros e modernos elevadores de escadas são a sua oportunidade de desfrutar do seu lar novamente!

Suba e desça as escadas em qualquer esforço.

Eliminam o risco de queda nas escadas.

Muito fáceis de utilizar

Fixados diretamente às escadas, sem obras!

LÍDERES MUNDIAIS EM ELEVADORES DE ESCADAS



INSTALAÇÃO EM 1 DIA\*

\*\* Consulte um especialista de mobilidade Stannah. Condições válidas para elevadores de escadas.

GRÁTIS

▪ Avaliação da sua mobilidade e local envolvente.

Assistência há mais de um século



Ligue já:

custo da chamada local

# 808 918 388

## AQUALUXE

Cabine de duche por medida.

## Soluções de banho

Cómoda para entrar

Fácil de limpar

Espçosa no interior

Segura na utilização

- Pedra de remate antibacteriana
- Limiar de acesso muito baixo
- Barra de apoio
- Cadeira ortopédica
- Base antiderrapante e antibacteriana
- Vidros temperados resistentes à quebra e tratamento anticalcário com garantia de 10 anos.



PERFEITA PARA BANHO ASSISTIDO OU DE CADEIRA DE RODAS.

INSTALAÇÃO EM 2 DIAS\*

\* Baseado numa instalação em condições normais.



# Allianz

No âmbito do Programa Estratégico e Estruturante «Cuidados de Saúde», no aprofundamento do Apoio à Saúde dos seus sócios, a Liga dos Combatentes estabeleceu uma parceria com a COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ, na instituição de um Seguro de Grupo, nas valências de:

“Seguro de Saúde – rede Allianz 55 ou mais anos”

“Seguro de Saúde – Allianz rede dental/ópticas”

“Serviços em rede bem-estar”

A parceria oferece condições especiais para os sócios da Liga dos Combatentes.

60,00 € /Ano

O seguro será feito através do Núcleo a que o sócio pertence.